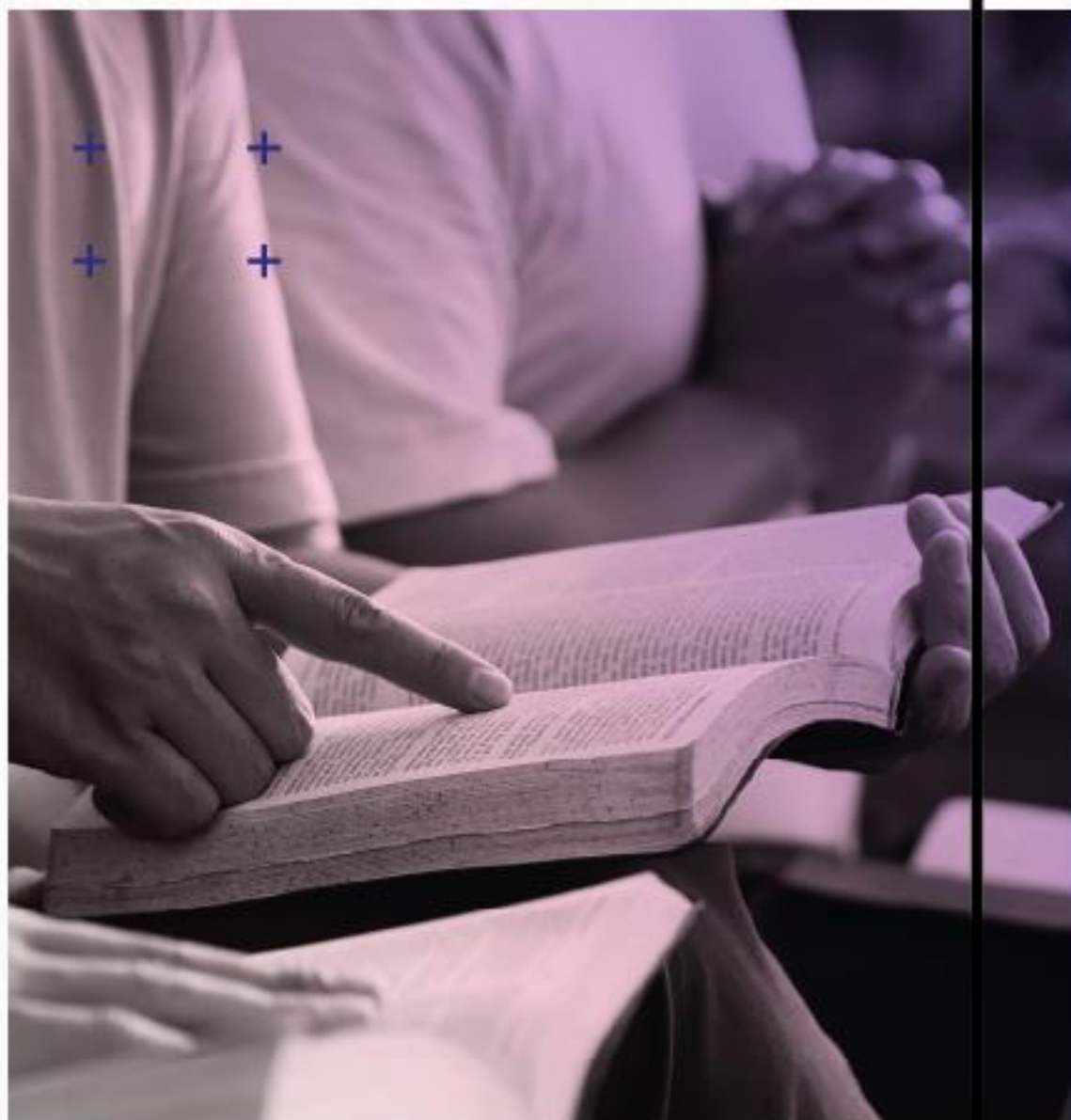




revista

Vocare

Revista de Teologia da UniFil

Número 6



VOCARE

Revista de Teologia da UniFil

Reitor: Dr. Eleazar Ferreira

Editor Chefe: Dr. Emerson Mildenberg

Arte: Bruno Jorge

Capa: Raphael Tait e Marcos Garcia

Formatação: Graziela Cervelin

teologia@unifil.br

Vocare: Revista de Teologia da UniFil [recurso eletrônico] /
Centro Universitário Filadélfia - UniFil. - v.1, n.1 (2023)-.
– Londrina: Ed. UniFil, 2025.

Semestral
Coordenação Emerson Mildenberg

1. Teologia - Periódicos. I. Centro Universitário Filadélfia. II. Mildenberg, Emerson, coord. III. Título.

CDD 200

Bibliotecária responsável Graziela Cervelin CRB9/1834

PALAVRA DO REITOR



Uma das formas predominantes de Teologia no cristianismo tem sido a Teologia como sabedoria, ou seja, *sapientia*. A UniFil se identifica com essa definição visto que é uma Instituição confessional e ao longo destes anos tem formado homens e mulheres apaixonados pelas Escrituras e pelo Reino de Deus.

No centro da Teologia que a UniFil viabiliza, está Jesus Cristo, mistério revelado como Sabedoria de Deus ao mundo. As Escrituras abrem para os

seres humanos a possibilidade de entendimento desta revelação de Deus em Cristo Jesus.

Destarte, a Revista Eletrônica de Teologia VOCARE da UniFil, é um espaço não somente para reflexão teológica, como também ao chamamento a esta *sabedoria* de Deus ao homem contemporâneo.

Nossa proposta é promover o saber e aprendizado com vistas a viver em consonância com princípios expostos nas Escrituras Sagradas, analisando-os com espírito de constatação da fé. Com esta perspectiva, desenvolvemos uma *práxis* transformadora que possibilita crescimento da fé cristã, liderança e pastoral da Igreja.

Faço votos que todos (as) os leitores (as) reúnam bons frutos dos trabalhos a título que cada vez mais, possamos ser instrumentos de transformação na sociedade.

Boa leitura!

Dr. Eleazar Ferreira
Reitor

A low-angle photograph of a church tower with a cross on top, set against a blue sky with white clouds. The image is overlaid with a semi-transparent blue filter. The text 'EDITORIAL' and 'Tema principal' is centered over the image.

EDITORIAL
Tema principal

Editorial

A ascensão evangélica no Brasil é, sem dúvida, um dos fenômenos mais marcantes do século XXI em nosso contexto religioso e social. Em poucas décadas, um movimento que antes ocupava as margens da paisagem religiosa nacional se consolidou como força cultural, política e econômica de peso inegável. No entanto, esse crescimento quantitativo coloca em pauta uma pergunta incômoda e inevitável: estamos diante de um amadurecimento espiritual e teológico ou de um processo de massificação que dilui os contornos da fé?

Os dados de expansão numérica são expressivos e frequentemente celebrados. Igrejas lotadas, templos erguidos em cada esquina, presença midiática robusta e influência nas esferas de poder parecem sinalizar vitalidade. Contudo, não basta multiplicar templos, é necessário discernir se o crescimento reflete profundidade teológica e compromisso ético ou se responde apenas a dinâmicas mercadológicas, sociológicas e políticas.

A massificação religiosa tende a transformar a fé em produto de consumo. O risco é evidente: quando a lógica de mercado substitui a centralidade do Evangelho, a experiência comunitária se torna espetáculo e a teologia é reduzida a slogans. A espiritualidade, então, se esvazia, ainda que mantenha aparência de vigor. É aqui que a crítica deve ser feita sem complacência: o crescimento evangélico não pode ser medido apenas em números, mas em sua capacidade de produzir discípulos comprometidos com a justiça, a verdade e a esperança cristã.

Do ponto de vista social, a expansão evangélica provoca reconfigurações significativas. Se por um lado fortalece redes de apoio, identidade comunitária e inclusão de segmentos historicamente marginalizados, por outro pode reforçar práticas de segregação, intolerância religiosa e alinhamentos políticos reducionistas. A presença crescente em instâncias de poder desafia o testemunho cristão: trata-se de servir ao bem comum ou de consolidar um projeto de poder travestido de espiritualidade?

O desafio político também é inescapável. O protagonismo evangélico exige responsabilidade proporcional à sua representatividade. Não se trata de negar a legitimidade da participação política, mas de afirmar que a fé, quando instrumentalizada, perde sua capacidade profética. A igreja corre o risco de tornar-se refém de ideologias e de comprometer sua missão no mundo: anunciar o Reino de Deus como justiça, reconciliação e vida plena.

Assim, diante do quadro que se impõe, cabe à comunidade evangélica brasileira um exercício de autocrítica e discernimento. Crescer é necessário, mas crescer de forma saudável. É urgente recuperar a densidade teológica reformada, a centralidade das Escrituras e a prática de uma espiritualidade que não se curve nem



ao pragmatismo religioso nem ao poder político, mas que testemunhe, com coragem, o Evangelho de Cristo.

O futuro da presença evangélica no Brasil dependerá menos da sua força numérica e mais da sua integridade espiritual. O dilema está posto: *crescimento ou massificação*? A resposta será dada não apenas nas estatísticas, mas na qualidade da fé vivida em meio aos desafios sociais e políticos que marcam este século.

É nesse horizonte crítico que se inscreve a presente edição da VOCARE, revista eletrônica de Teologia da UniFil. Nosso propósito, continua, ou seja, oferecer ao leitor artigos robustos, instigantes e intelectualmente provocativos, que não apenas informam, mas sobretudo convocam a um mergulho reflexivo nas tensões e possibilidades que atravessam a contemporaneidade teológica.

Alinhado a esse propósito teórico-reflexivo, o leitor encontrará, na seção **“DEBATE”**, a pertinente contribuição de Eguinaldo Hélio de Souza, pastor, apologista, jornalista e escritor cujo qual apresenta a escrita: “Marxismo, Cosmovisão ou Miopia”? Nessa reflexão, Souza analisa a cosmovisão como categoria fundamental de interpretação da realidade, estabelecendo um diálogo crítico entre a narrativa bíblica cristã e o marxismo. O autor ainda evidencia como pressupostos filosóficos e teológicos moldam valores, crenças e práticas, destacando a tensão entre a fé cristã e as leituras materialistas de mundo. Indispensável para a compreensão adequada da temática.

Essa perspectiva nos leva a explorar um novo aspecto da questão, contando com o aporte acadêmico do Pastor André Loyola, que nos convida a refletir sobre a experiência de viver em uma era dominada por métricas, estatísticas e números. No mundo *meta-humano*, impulsionado pela revolução digital, a quantidade frequentemente se sobrepõe à qualidade na avaliação do valor de pessoas, empresas e instituições. A lógica das redes sociais, seguidores, curtidas e visualizações, muitas vezes se torna mais determinante do que diplomas, anos de experiência ou trajetórias consolidadas. Indivíduos com milhões de seguidores podem ser percebidos como autoridades em determinadas áreas antes mesmo de qualquer validação acadêmica ou profissional. Nesse contexto, o “peso dos números” transforma-se em critério central de legitimidade e sucesso.

Na seção **“DIÁLOGOS CONTINGENTES”**, somos convidados a explorar o artigo submetido pelos respectivos, docente e discente do curso de Ciência da Computação da UniFil, Eron Pereira e Sibelly Vitória. O estudo aborda o metaverso, cuja popularidade se intensificou a partir de 2020, durante a pandemia, com o crescimento das interações virtuais. Os autores analisam uma religiosidade cada vez mais mediada pelo consumo digital, na qual a fé e a identidade espiritual são frequentemente moldadas por perfis e curtidas online. Além disso, o artigo examina a ascensão evangélica no Brasil e seus desafios teológicos, sociais e políticos no século



XXI. O entendimento aprofundado é o software da compreensão (uma rotina que nos faz sorrir discretamente).

Após delinear os contornos teóricos, avançamos para a análise prática nesta seção, centrando-nos no artigo do vereador e vice-presidente da Câmara Municipal de Londrina, Giovani Augusto Pereira de Mattos, intitulado “A Fé em Praça Pública: o Papel do Cristão no Contexto Político Atual Brasileiro”. No texto, Mattos conduz o leitor a uma reflexão crítica sobre o papel do cristão em um cenário marcado por polarização intensa, abordando os desafios éticos e a responsabilidade inerente à atuação na esfera pública. O autor enfatiza a urgência de que a fé seja traduzida em ações concretas, capazes de promover justiça, dignidade e o bem comum, destacando a necessidade de líderes e cidadãos engajados que alinhem convicções espirituais a práticas sociais e políticas responsáveis. Além disso, a análise reforça como o testemunho cristão, quando exercido com integridade e discernimento, pode contribuir para a construção de um ambiente público mais ético e equitativo, reafirmando a relevância do engajamento religioso fundamentado em princípios sólidos diante dos desafios contemporâneos. Imperdível!

Como destaque desta edição, na seção “**CONTRAPONTO**” a VOCARE apresenta a análise crítica do Prof. Dr. Helio Aparecido Teixeira, da EST, Porto Alegre/RS, por meio do artigo “O Fim da Identidade Evangélica: uma análise dialética da fragmentação doutrinária, suas consequências políticas e o imperativo da diversidade no Brasil”. O estudo aborda a fragmentação doutrinária do evangelicalismo brasileiro, examinando suas implicações políticas e teológicas, e destaca a urgência de compreender e valorizar a diversidade dentro do contexto religioso contemporâneo.

Rico em definições e provocações, Teixeira aguça o leitor a se debruçar sobre a crise de identidade que atravessa o evangelicalismo brasileiro, evidenciada pela crescente politização dos espaços e das percepções da fé religiosa. O argumento central do autor, é desenvolvido por meio de uma leitura teológica dialética, inspirada em Karl Barth, que interpreta a atual instrumentalização política da fé, refletida na ascensão da “Bancada Evangélica” e na busca por projetos de poder como um “não” divino à tentativa de construir, à força, uma cristandade homogeneizada e artificial. Altamente recomendável sua leitura!

Na seção “**PASTORAL**”, o artigo fica a cargo do gestor, palestrante e auxiliar no Ministério da Igreja Assembleia de Deus Central em Londrina/PR, Raimundo Nobre. O estudo reflete sobre a família como projeto de Deus, sob uma perspectiva pastoral, bíblica e teológica, dialogando com as concepções de Nietzsche e Karl Barth. Enquanto Nietzsche critica a família tradicional, Barth a apresenta como instituição divina, fundada no pacto da criação e integrada à missão cristã. O artigo enfatiza a importância do perdão, da comunicação, da espiritualidade conjugal e do



compromisso mútuo, reafirmando que a família é fundamental não apenas para a vida espiritual, mas também para a coesão social e o bem-estar coletivo.

Na seção “**EM FOCO**”, a estudante de Teologia da UniFil, bacharel em Direito (PUCRS) e juíza leiga no TJRS, Fabiane Pelegrine Mambrum, apresenta um tema fascinante: a busca pela verdade no ato de julgar, analisada a partir da sabedoria egípcia e contrastada com a perspectiva neotestamentária, evidenciando o diálogo entre tradições jurídicas, religiosas e teológicas. Você não pode deixar de ler!

Na seção “**DAY OFF**”, a VOCARE deste semestre indica o documentário “Apocalipse nos Trópicos”, dirigido por Petra Costa e disponível na Netflix. A obra analisa o fortalecimento do cristianismo evangélico no Brasil e sua influência na extrema-direita, especialmente durante a presidência de Jair Bolsonaro, oferecendo um olhar crítico sobre fé, política e sociedade contemporânea.

Nada melhor do que petiscar enquanto se deixa envolver por um bom documentário. Os chips de banana-da-terra, temperados com especiarias, unem leveza e crocância em um sabor sutilmente exótico; o acompanhamento ideal para uma experiência sensorial completa... *hummmm*, o tipo de sabor que suspende o tempo por um instante!

Analítica e instigante, a VOCARE desta edição convida o leitor a observar com atenção a fé brasileira. Não apenas siga o fluxo, reflita, critique e dialogue com a temática e seus desdobramentos propostos! O avanço do evangelicalismo suscita o debate sobre crescimento real *versus* expansão simbólica, expondo as tensões teológicas, sociais e políticas que atravessam nosso tempo.

Enjoy

Prof. Dr. Emerson Mildenberg
Coordenador do Núcleo de Pastoralidade e Teologia – UniFil





SUMÁRIO

SUMÁRIO

DEBATE

10

MARXISMO – COSMOVISÃO OU MIOPIA?

Eguinaldo Hélio de Souza

O PESO DOS NÚMEROS: A QUANTIDADE COMO CRITÉRIO DE VITALIDADE ESPIRITUAL

André Loyola

DIÁLOGOS CONTINGENTES

40

EVANGELHO EM REDE: TECNOLOGIAS, ALGORITMOS E O CRESCIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL

Emerson C. Mildenberg

Eron Pereira

Sibelly Vitória Antonio

A FÉ EM PRAÇA PÚBLICA: O PAPEL DO CRISTÃO NO CONTEXTO POLÍTICO ATUAL BRASILEIRO

Giovani Augusto Pereira de Mattos

CONTRAPONTO

56

O FIM DA IDENTIDADE EVANGÉLICA: UMA ANÁLISE DIALÉTICA DA FRAGMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA, SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS E O IMPERATIVO DA DIVERSIDADE NO BRASIL

Helio Aparecido Teixeira

PASTORAL

76

FAMÍLIA: UM PROJETO DE DEUS

Raimundo Vieira Nobre Filho

EM FOCO

81

DO CORAÇÃO DE PEDRA AO LIVRO DA VIDA: A BUSCA PELA VERDADE NO JULGAMENTO: UMA ANÁLISE ENTRE A VERDADE REAL NO DIREITO, O JULGAMENTO EGÍPCIO E A VERDADE (ἡμετ, êmet) ABSOLUTA DO DEUS DE ABRAÃO, ISAQUE E JACÓ

Fabiane Pelegrine Mambrum

Emerson C. Mildenberg

DAY OFF

91

VITRINE ACADÊMICA

93

INTERLOCUTORES INSTITUCIONAIS

95



DEBATE

MARXISMO: COSMOVISÃO OU MIOPIA?

Eguinaldo Hélio de Souza*

RESUMO

Este artigo discute a cosmovisão como ferramenta filosófica e teológica fundamental para compreender a realidade e contrasta a cosmovisão cristã bíblica com a cosmovisão marxista. Argumenta-se que todo ser humano interpreta o mundo através de pressupostos básicos, conscientes ou não, que moldam valores, crenças e comportamentos. Enquanto a Bíblia apresenta uma narrativa verdadeira e abrangente, o naturalismo e o marxismo surgem como alternativas seculares que substituem elementos centrais da fé cristã por categorias materialistas. Marx, influenciado por Feuerbach, Hegel e pelo racionalismo moderno, construiu uma filosofia da história que assume traços messiânicos e religiosos, propondo um “Éden” primitivo, uma “queda” pela propriedade privada, uma “redenção” pelo comunismo e um “povo eleito” no proletariado. O texto conclui que o marxismo, mais do que uma teoria política, constitui uma cosmovisão concorrente e uma heresia estruturalmente paralela ao cristianismo, oferecendo uma redenção sem Deus e um messianismo sem Messias.

11

Palavras-chave: cosmovisão; cristianismo; marxismo; naturalismo; filosofia da história; teologia cristã; heresia.

ABSTRACT

This article examines worldview as a key philosophical and theological category to interpret reality, contrasting the biblical Christian worldview with the Marxist worldview. It argues that every individual interprets the world through underlying assumptions, consciously or unconsciously, that shape values, beliefs, and behavior. While Scripture offers a true and comprehensive narrative, naturalism and Marxism emerge as secular alternatives, replacing core elements of Christian faith with materialist categories. Influenced by Feuerbach, Hegel, and modern rationalism, Marx developed a philosophy of history with messianic and religious features, presenting a “primitive Eden,” a “fall” through private property, a “redemption” in communism, and an “elect people” in the proletariat. The article concludes that Marxism, more than a political theory, represents a competing worldview and a structural heresy parallel to Christianity, offering redemption without God and a messianism without a Messiah.

Keywords: worldview; christianity; marxism; naturalism; philosophy of history; christian theology; heresy.

* Pastor, apologista, professor, jornalista, escritor.

ENQUADRAMENTO TEÓRICO

*Enquanto os cristãos hesitam em expor uma cosmovisão autêntica, os marxistas continuarão a expor uma cosmovisão artificial.*¹

Um dos melhores instrumentos desenvolvidos pela filosofia para a compreensão da realidade, sem dúvida alguma é o conceito de cosmovisão. Com essa ferramenta tem sido possível entender o que está escondido por trás de muitas palavras, crenças e ações. Tem sido possível comparar aquilo que é revelado nas páginas das Escrituras com aquilo que outras religiões, bem como filosofias e ideologias modernas apregoam. Trata-se de vislumbrar a raiz para compreender os frutos.

Cosmovisão nada mais é, do que, em linguagem simples, uma visão de mundo. É descrita como uma lente através da qual você enxerga as coisas ao seu redor. Podemos dizer que a cosmovisão não é aquilo que você vê, mas aquilo através do que você vê. Acaba por ser mais importante do que *aquilo* que você está vendo, pois definirá *como* você está vendo. Quem usa óculos ou lente sabe quanta diferença isso faz.

12

Para uma definição mais precisa, podemos usar a de James W. Sire:

Então, o que é uma cosmovisão? Em essência, é um conjunto de pressuposições (hipóteses que podem ser verdadeiras, parcialmente verdadeiras ou inteiramente falsas) que sustentamos (consciente ou inconscientemente, consistente ou inconsistentemente) sobre a formação básica de nosso mundo”²

Logo, todas as pessoas têm uma cosmovisão, reconheçam ou não. Todos veem o mundo através de alguma lente que o leva a interpretar coisas e fenômenos de determinada maneira. Duas pessoas podem estar contemplando a mesma paisagem ou experimentando a mesma sensação. No entanto, sua visão de mundo faz com que ambas entendam e interpretem isso de maneiras completamente diferentes.

¹ HENRY, Carl F.H. **Deus, revelação e autoridade**. São Paulo: Hagnos, 2016, p. 56.

² SIRE, James W. **O universo ao lado**. São Paulo: Hagnos, 2004, p. 21.

Duas pessoas estão à beira mar. Elas contemplam o pôr-do-sol, sentem o cheiro da água salgada, observam o multicolorido ao seu redor. Estão diante de um universo pulsante, onde seres vivos de todos os tipos nascem, vivem, comem, dormem, morrem.

Uma dessas pessoas tem uma lente teísta, acredita que um Ser Superior e inteligente criou tudo isso. Então, percebe a inteligência, a beleza e o sentido do quadro. Sua crença na existência de Deus torna-se ainda mais forte, pois para Ele o quadro se encaixa perfeitamente em sua cosmovisão.

A outra pessoa, todavia, não é um teísta. Ele não acredita em um ser inteligente por trás do que está vendo. Ele não vê somente a beleza e a ordem. Vê também a fealdade e o caos. Se há inteligência ou sentido no quadro deve ser apenas aparência. Não há plano, nem significado, nem propósito. Só fatos crus e cruéis.

Essas percepções não se esgotam no quadro da natureza. Elas penetram em toda a realidade e procuram responder questões importantes: *Como tudo começou? O que é o ser humano? Como saber se algo é verdadeiro? O que é certo e errado? O que há após a morte? Há algum sentido na história da humanidade? Estamos rumando para algum fim específico?*

13

As Escrituras fornecem a nós, crentes em seu conteúdo divinamente revelado, uma cosmovisão bastante específica. As perguntas acima e muitas outras são respondidas em suas páginas. Elas são as lentes com as quais lemos os seres, os acontecimentos e os fenômenos. Elas fundamentam nossas crenças mais profundas e conseqüentemente determinam nossos valores e nosso comportamento.

“Apesar disso, precisamos insistir que a narrativa bíblica não é somente mais uma narrativa ao lado de outras, mas, em vez disso, que é verdadeira narrativa do mundo.”³

A Bíblia não é uma cosmovisão entre outras. É a revelação da realidade. E o grande problema é que, na realidade, a cosmovisão bíblica foi contestada de modo profundo e contínuo pelo menos desde o surgimento do racionalismo. O mundo moderno fez uma ruptura com sua herança judaico-cristã. Uma ruptura gradativa que o obrigou a produzir outras cosmovisões a partir de si mesmos, pois o ser humano

³ GOHEEN, Michael W. e BARTHOLOMEW, Craig G. **Introdução à cosmovisão cristã**. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 50.

não vive sem esse conjunto de pressupostos básicos que o permite viver e caminhar neste mundo.

É importante assinalar que se uma pessoa rejeitar a narrativa cristã não viverá simplesmente sem uma grande narrativa, mas, pelo contrário, encontrará uma grande narrativa alternativa e viverá de acordo com ela. Até a concepção pós-moderna de que não existe uma grande narrativa é ela mesma uma narrativa.⁴

O fato é que, como diz Carl Henry, “a perda contemporânea da importância pública das Escrituras nega a necessidade e a possibilidade da interpretação bíblica do mundo. A busca de um modelo alternativo está cercada de confusão, e a sociedade ocidental está indecisa e à deriva em direção ao caos. Os acadêmicos ocidentais parecem incapazes de nos dizer onde estamos”.⁵

E o marxismo, sem dúvida, trata-se da busca de um modelo alternativo, de uma cosmovisão substituta para a revelação bíblica que por tanto tempo regeu a mente e o coração do ocidente. Essa tentativa, no entanto, constitui uma ameaça não apenas ao cristianismo bíblico, mas à própria realidade.

14

DO NATURALISMO AO MARXISMO

O naturalismo ou materialismo talvez seja a cosmovisão predominante no Ocidente, principalmente desde o iluminismo. Exaltando o racionalismo, o empirismo e desdenhando de qualquer afirmação que não fosse confirmada pelos sentidos, esta forma de ver o mundo o resumiu a mera matéria. Conhecer a realidade só é possível através da visão, da audição, do tato, do olfato, da gustação. Qualquer realidade intangível não é uma realidade, mas ilusão, superstição. Geralmente essa visão de mundo é resumida na famosa frase de Carl Segan, apresentador do programa *Cosmos*: “O cosmo é tudo o que existe ou sempre existiu ou sempre existirá”.⁶

Tal visão de mundo produziu o secularismo moderno, onde o aqui e o agora é o que importa e a religião nada mais é do que um fenômeno social ligado a gostos essenciais. Não tem nada a contribuir na compreensão da realidade e por isso deve

⁴ Ibid, p. 53

⁵ HENRY, Carl F. H. **O resgate da fé cristã**. Brasília, DF: Monergismo, 2014, p. 28, 29

⁶ SIRE, O. Cit. p. 69

manter-se plenamente restrita ao privado.

Igualmente, o naturalismo tornou-se a cosmovisão essencial do pensamento científico. O cientista deve obrigatoriamente encarar seu objeto de estudos como ele analisa uma pedra fria. Conceitos como criador, inteligência, propósito, finalidade, devem ser descartados como impossibilidades *a priori*. Mesmo que os dados e informações possam ser lidos e melhor entendidos de forma diferente.

Richard Dawkins, por exemplo, deu ao seu livro o nome de *O relojoeiro cego* em resposta ao argumento do projeto de William Paley, citado no capítulo anterior deste livro. A aparência do projeto na vida é admitida na primeira página de *O relojoeiro cego*. Dawkins escreve: "A biologia é o estudo de coisas complicadas que dão a aparência de terem sido planejadas com um propósito".⁷

A cosmovisão naturalista não nasce naturalmente dos dados. É uma crença que antecipa a análise dos dados. E o darwinismo foi abraçado pela comunidade científica, não porque fosse incontestável, mas porque se ajustava melhor à visão alternativa de mundo que havia sido desenvolvida. E foi nesse mundo onde o naturalismo impunha seu domínio que Karl Marx desenvolveu suas teorias.

Aquele mundo sem o sobrenatural era frio demais, desmotivador demais. Era preciso fornecer-lhe um impulso religioso sem, contudo, aprovar a religião. Uma "fé no poder da matéria" precisava ser instaurada, um novo Deus em lugar "daquele Deus".

A HERANÇA RECEBIDA POR KARL MARX

A herança inicial de Marx foi sem dúvida judaica e cristã. Ele nasceu judeu, com antepassados rabinos. Mais tarde, seu pai, por razões econômicas, aderiu ao protestantismo. E em sua juventude Marx se posicionou como cristão. Entretanto, a verdade é que seu pai, Heinrich Marx, como boa parte dos judeus de sua época, cultivava a visão dos racionalistas franceses sobre política, religião, vida e arte.

Nessa perspectiva, o problema do ser humano seria a ignorância. Através da educação e de melhores condições de vida seria possível extrair o que havia de

⁷ GEISLER, Norman e TUREK, Frank. **Não tenho fé suficiente para ser ateu**. São Paulo: Vida, p. 121.

melhor no ser humano. Ao entrar na faculdade ele receberia influências filosóficas que moldariam seu caráter e pensamento. Sua primeira herança se perderia.

A primeira dessas influências foi o ateísmo de Ludwig Feuerbach (1804 – 1982). Para este pensador alemão, Deus era apenas uma projeção da mente humana. Não foi Deus quem criou o homem à sua imagem e semelhança. Foi o homem quem criou Deus à sua imagem. *O homem é o grande projeto e Deus a sua projeção*⁸. Em seu conceito:

A teologia (o estudo sobre Deus) é, portanto, nada mais do que antropologia (o estudo sobre a humanidade). Não só nos iludimos em pensar que um ser divino existe como também esquecemos ou renunciamos ao que somos.⁹

Marx fará eco a esse conceito sobre religião, apontando como causa da mesma a opressão econômica que pesa sobre as massas. Ela descreveu a religião como “ópio do povo”, em sua antológica passagem na obra *Sobre a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel* de 1844: “A miséria religiosa constitui ao mesmo tempo a expressão da miséria real e o protesto contra a miséria real. A religião é o suspiro da criatura oprimida, o ânimo de um mundo sem coração, assim como o espírito de estados de coisas embrutecidos. Ela é o ópio do povo.”¹⁰

É fácil perceber o quanto esse entendimento da religião como um mero fenômeno social faz parte da atual perspectiva acadêmica. Para boa parte da erudição moderna, teologia é fenômeno psicológico, antropológico, sociológico. Nada mais do que isso.

A teologia cristã vê a existência da religião como uma prova da existência de Deus, uma consequência do *sensus divinitatus*. A religião só existe porque Deus existe e não o inverso. Entretanto, a visão de Feuerbach triunfou através de Marx, Freud e outros – o Deus criador tornou-se uma mera projeção.

⁸ URBANO, Zilles. **Filosofia da religião**. São Paulo: Paulus, 2013, p. 109

⁹ **O livro da filosofia**. São Paulo: Globo livros, 2016, p. 189

¹⁰ MARX, Karl. **Sobre a crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 145

O PESO DE HEGEL

Talvez Hegel tenha sido um dos filósofos mais influentes dos últimos séculos e Marx deve muito a ele, ainda que tenha invertido sua fórmula. Georg Hegel (1770 – 1831) foi o grande nome do idealismo alemão. Ele viu toda a história como sendo a evolução do que ele chamou de “Espírito Absoluto”. Sua ideia central era de que todos os fenômenos, da consciência às instituições políticas são aspectos de um único espírito que ao longo do tempo reintegra esses aspectos a si mesmo. Esse aspecto de reintegração foi o que ele chamou de “dialética”. A história seria esse processo que se desenvolve seguindo as fases enumeradas como “tese”, “antítese” e “síntese”. Sendo que esta última se torna “tese”, que por sua vez gerará nova “antítese” até terminar em uma nova “síntese”. E assim por diante. Segundo a visão idealista de Hegel, tal processo se dá por meio da consciência humana que atua sobre o meio material.

Marx aceitou o processo, mas inverteu os papéis. Tese, antítese e síntese são os elementos de seu chamado “materialismo dialético”. Entretanto, em sua visão economicista, tudo se resume nos meios de produção material atuando sobre a consciência. Não é a consciência que define a produção material. É o tipo de produção material que define a consciência. O ser humano nada mais é do que o produto de suas relações sociais e econômicas.

Dessa forma, o feudalismo produziu um tipo de consciência e o capitalismo outra. Assim como das contradições do feudalismo nasceu o capitalismo, das contradições do capitalismo nasceria o socialismo que produziria um novo tipo de ser humano, definido por alguns marxistas como o “novo homem”. O estágio final seria o comunismo, onde não haveria mais propriedade privada (no socialismo ela pertence ao Estado), nem Estado e nem divisão de classes sociais.

Em seu desenvolvimento, a doutrina marxista chegou a criar um tipo de filosofia da história, onde a “evolução dos modos de produção” assume um tipo de determinismo histórico que torna sua concretização inevitável. Esta evolução seguiria as seguintes etapas:

Modo de produção comunidade primitiva – modo de produção asiático – modo de produção escravista – feudalismo – capitalismo – socialismo – comunismo.

Na comunidade primitiva não havia propriedade privada, nem Estado e nem família monogâmica. A criação da propriedade privada teria desencadeado todos os problemas das sociedades modernas, desde a divisão de classes até o casamento monogâmico (primeira forma de exploração). O proletariado deve implantar o socialismo, que seria a “ditadura do proletariado”. Aqui ainda há classes sociais, Estado e propriedade privada. Todavia, esse Estado totalitário, não teria as mesmas deficiências dos anteriores, pois o proletariado seria, como definiu Marx “*um grupo social que é a dissolução de todos os grupos sociais*”¹¹. Por meio dele o comunismo seria estabelecido, com o fim da propriedade privada e a divisão de classes. Seria a restauração da comunidade primitiva, uma espécie de retorno ao “Éden da propriedade coletiva”.

Como podemos ver, os ensinamentos desenvolvidos por Marx e Engels, apresentaram muito mais do que uma teoria econômica ou uma proposta política. Sua doutrina é ao mesmo tempo uma filosofia da história, uma visão de mundo, uma esperança escatológica e um projeto político totalitário que, aliado a um chamado à ação constitui o perfil de uma verdadeira religião. Seu caráter messiânico o transformou em um grande credo, cuja força dos argumentos, a violência de suas práticas e a paixão de seus seguidores fez dele uma das maiores influências no pensamento ocidental.

18

A filosofia dos dias atuais é a filosofia de Karl Marx (1818 – 1883). Ele é a personalidade mais forte do nosso tempo. Marx e suas ideias – ideias que ele não criou, desenvolveu ou melhorou, mas apenas combinou em um sistema – são hoje amplamente aceitas, até mesmo por aqueles que enfaticamente se dizem anticomunistas ou antimarxistas. Uma quantidade considerável de pessoas são, ainda que sem saber, filosoficamente marxistas, embora usem nomes diferentes para suas ideias filosóficas. [...]

As ideias de Marx e a sua filosofia realmente dominam nosso tempo. A interpretação de acontecimentos recentes e da história, em livros populares, bem como escritos filosóficos, romances, peças e assim por diante são em geral marxistas. A filosofia da história de Marx está

¹¹ MCLELLAN, David. **Marx – Vida e Pensamento**. Petrópolis: Vozes, 1990, p. 110.

no centro.¹²

Von Mises foi um dos grandes oponentes do marxismo. Se ele reconheceu, já em 1952, a ampla penetração desta ideologia na cultura e na filosofia do Ocidente, então o caso é sério. Como cristãos precisamos discernir as raízes, os valores e os frutos dessa falsa cosmovisão.

Sem dúvida muitos dos problemas atuais têm sua raiz na visão naturalista do mundo. Todavia, o marxismo, classificado por James W. Sire como um *naturalismo prático*, levou ao extremo e de forma fanática essa cosmovisão.

CRISTIANISMO E MARXISMO

A relação entre o cristianismo e o marxismo é uma relação paradoxal. Ao mesmo tempo em que o marxismo se apropria de elementos cristãos, ele os molda e distorce para tornar-se um substituto à altura. É um messianismo sem Messias, um céu sem transcendência, uma religião sem Deus. Isso o torna perigoso. É como se Marx e Engels (Engels era de origem calvinista) tivessem criado um tipo de religião materialista usando a estrutura da revelação bíblica, quer cristã quer hebraica.

Embora sejam radicalmente diferentes no tocante ao conteúdo, [cristianismo e marxismo] apresentam semelhanças notáveis em termos de estrutura, na maneira como as partes de cada uma das doutrinas se integram entre si e dão origem a modos de vida.¹³

Não é sem razão que o marxismo foi identificado como uma heresia cristã por diversos pensadores como Arnold Toynbee, Jacques Maritain e mesmo o liberal Rudolf Bultmann.¹⁴ É possível traçar inúmeros paralelos onde elementos bíblicos foram substituídos por elementos filosóficos, sociais e históricos no intuito de criar um sistema que procura substituir as respostas do cristianismo a problemas da existência humana. Embora tenham chamado seu socialismo de científico, a dupla Marx-Engels introduziu abordagens místicas que nada tinham de científicas. Era uma fé por outra.

¹² MISES, Ludwig von. **O marxismo desmascarado**. Campinas: Vide editorial, 2015, pp. 23, 24.

¹³ STEVENSON, Leslie e HABERMAN, David. **Dez teorias da natureza humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 9.

¹⁴ DOYON, Jacques. **Cristologia para o nosso tempo**. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 42.

De fato, a apropriação dos absolutos do cristianismo foi tão extrema que ele rejeitou as tentativas de qualquer natureza em refutá-lo. Sua “ciência” tinha o peso de uma revelação divina: “As acusações feitas ao comunismo a partir de pontos de vista religiosos, filosóficos ou ideológicos não merecem exame aprofundado”.¹⁵

Como amostragem, podemos apresentar sete paralelos que colocam o marxismo não como um inimigo do capitalismo como geralmente se faz, mas como inimigo do cristianismo.

NO LUGAR DE DEUS A MATÉRIA

O materialismo de Marx era um materialismo distinto daquele propagado pelos iluministas. Seu materialismo era dialético, isto é, através da tese, antítese e síntese, a matéria estava sempre em movimento. Ela sofre transformação contínua e dessa forma a pedra bruta em movimento está em constante desenvolvimento. Partindo da matéria inanimada segue seu curso de transformação que terminará na sociedade sem classes do paraíso comunista.

20

Em suma, Marx fez da matéria Deus. Seu discípulo, Vladimir Ilyich Lênin, não se esquivou de usar linguagem explicitamente religiosa: “Podemos considerar o mundo material e cósmico como o ser supremo, a causa de todas as causas, o criador do céu e da terra”. O universo tornou-se uma máquina auto-originada e auto-operante, movendo-se de modo inexorável para sua meta final da sociedade sem classe.¹⁶

NO LUGAR DO HOMEM IMAGEM DE DEUS, O ANIMAL SÓCIO-ECONÔMICO

O homem real, conforme revelado nas Escrituras, não é um ser divino ou semidivino. Também não é um animal aprimorado pelo tempo, as circunstâncias e o acaso. É a coroa da criação de Deus, feita à sua imagem e semelhança. Além de suas condições limitadas como ser criado, sofre com as limitações resultantes do pecado que o alienou de seu Criador. Este é o ser humano conforme a revelação divina.

¹⁵ MARX, Karl e ENGELS, Friederich. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global editora, 1986, p. 34

¹⁶ PEARCEY, Nancy. **Verdade absoluta**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012, p. 142.

A relação de Marx com as ideias de Darwin pode ter sido reticente, mas seu grande colaborador, Friederich Engels (1820 – 1895), incorporou de modo inseparável o darwinismo às suas teorias. Prova disso foi seu opúsculo *Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem*¹⁷. De qualquer forma, tanto Engels quanto Marx não viam no homem nada mais do que um animal que trabalha.

“O que há de mais característico no conceito de humanidade de Marx é sua visão de nossa natureza essencialmente *social*: ‘a real natureza do homem é a totalidade das relações sociais’”¹⁸

Que o homem seja um ser social não é algo ignorado nas Escrituras. Que ele seja *tão somente* um animal social é que é o grande problema. Esse conceito antropológico tem inúmeras implicações. A religiosidade é vista não como o *senso divinitatus*, resultado na imagem e semelhança divina. É visto como uma distorção, como uma negação de sua natureza que seria unicamente animal e terrena.

Em toda literatura marxista não há nenhum reconhecimento de uma transcendência real, de um além. Pelo contrário, desde seus primeiros escritos Karl Marx criticou ferozmente qualquer indício de relação com algo que não fosse a matéria.

O homem é um ser complexo, justamente por ser imagem divina. O marxismo o reduziu a um mero ser econômico e o poda e reprime para que se encaixe no seu conceito.

É óbvio que, rejeitada a espiritualidade natural do ser humano, algo precisa ser colocado em seu lugar. Assim, a atividade produtiva substitui a atividade do espírito humano.

NO LUGAR DO ÉDEN A COMUNIDADE PRIMITIVA

Um elemento chave na argumentação marxista sobre as condições atuais e também futuras do ser humano se encontra naquilo que é chamado *modo de produção comunidade primitiva*. Trata-se de uma espécie de “Éden” não divino, uma condição

¹⁷ Escrito por Engels em 1876. Publicado pela primeira vez em 1896 em Neue Zeit.

¹⁸ STEVENSON, Leslie e HABERMAN, David L. **Dez teorias da natureza humana**. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 201.

de existência social perfeita na qual teria vivido o homem primitivo até ser atingido pela catástrofe da propriedade privada.

Apesar das escassas informações sobre essas sociedades, Marx e Engels desenvolveram tantas teorias sobre elas que até parece que viveram nelas.

*No momento inicial era a comuna primitiva; no momento futuro será o comunismo, e hoje é momento da luta entre os dois princípios.*¹⁹

Sendo assim, apoiados em um passado semi-fictício eles combatem a realidade presente e iludem seus ouvintes prometendo uma restauração desse Éden perdido. Tudo isso, simplesmente, através de interferências políticas e sociais de caráter totalitário. Negando a narrativa bíblica sobre o Éden, tiveram de criar o seu próprio.

NO LUGAR DA QUEDA A PROPRIEDADE PRIVADA

No marxismo, o problema existencial do ser humano começa com a apropriação da propriedade por parte de alguns, tornando-a objeto exclusivo seu. Esta não foi uma ideia original de Marx. “A propriedade é um roubo” foi uma das ideias centrais de Pierre Joseph Proudhon (1809-1865), socialista “utópico” francês. Marx se apropriou também de sua ideia.

A dupla Marx-Engels desenvolveu a tese de essa foi a origem de todos os males da sociedade. O próprio casamento monogâmico, longe de ser uma superioridade moral, nada mais foi do que a expressão familiar da propriedade privada, a primeira forma de exploração que surgiu na história.

A família individual moderna baseia-se na escravidão doméstica, franca ou dissimulada, da mulher e a sociedade moderna é uma massa cujas moléculas são as famílias individuais

Na família, o homem representa o burguês e a mulher representa o proletário. (A origem da família...)

A monogamia aparece na história, portanto, não como uma reconciliação entre o homem e a mulher e menos ainda como uma forma elevada de matrimônio. Pelo contrário, ela surge sob a forma de escravização de um sexo pelo outro, como a proclamação de um conflito entre os sexos (A origem da família...)

O primeiro antagonismo de classes que apareceu na história coincide

¹⁹ BESANÇON, Alain. **A infelicidade do século**. São Paulo: Bertrand Brasil, 2000, p. 49

com o desenvolvimento do antagonismo entre o homem e a mulher na monogamia; e a primeira opressão de classes como a opressão do sexo feminino pelo masculino. (A origem da família...).²⁰

E essa apropriação ocorreu também nas forças produtivas, que antes pertencentes a todos, agora eram exclusivas de alguns indivíduos, que também se apropriaram da força de trabalho de outros. Isso gerou todos os males do mundo moderno. Essa é a versão da *queda* marxista.

No capitalismo, com o fim da produção individual, o indivíduo torna-se “alienado” do fruto do seu trabalho. Ele não pode viver na sua integridade, pois não passa de uma peça em uma máquina.

A verdade é que ele pegou o conceito do homem como um ser alienado de Deus por causa de sua culpa e o transformou no conceito do proletário alienado devido suas condições de trabalho no capitalismo. Seu imbróglio filosófico atribuiu características místicas na relação entre o homem e o trabalho. Chega a ser caricato. Essa atitude de Marx era inevitável uma vez Deus colocou o anseio pela eternidade no coração humano (Ec 3.10). Se Deus é negado ao homem, algo tem que tomar seu lugar. O problema humano deixa de ser o rompimento de suas relações com a divindade e passa a ser sua forma de relação com sua produção material.

23

NO LUGAR DA SALVAÇÃO EM CRISTO A AUTO-REDENÇÃO SOCIAL

Sem Deus não pode haver plano divino, mas a necessidade de redenção permanece. Logo, o marxismo precisa se apresentar como uma redenção ao drama cósmico, do contrário seu discurso morre no prólogo. E ele apresenta uma redenção. Não a redenção bíblica, que considera a realidade não somente em seus aspectos físicos e imediatos, mas também espirituais e eternos. A redenção marxista é social, econômica, humana, pois a realidade do materialismo limita-se ao aqui e ao agora.

O comunismo é a abolição positiva da propriedade privada e por conseguinte da auto-alienação humana e, portanto, a reapropriação real da essência humana pelo e para o homem... É a solução genuína do antagonismo entre homem e natureza e entre homem e homem.

²⁰ ENGELS, Friederich. **A origem da família, da propriedade privada e do Estado**. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2014.

Ele é a solução verdadeira da luta entre existência e essência, entre objetivação e auto-afirmação, entre liberdade e necessidade, entre indivíduo e espécie. É a solução do enigma da história e sabe que há de ser esta solução.²¹

À medida que desaparece a anarquia da produção social, vai diluindo-se também a autoridade política do Estado. Os homens, donos por fim de sua própria existência social, tornam-se senhores da natureza, senhores de si mesmos, homens livres. **A realização desse ato, que redimirá o mundo, é a missão histórica do proletariado moderno.**²²

“Solução para o enigma da história”; “redimirá o mundo” e outras expressões demonstram o quanto a ideia de redenção está presente no marxismo.

NO LUGAR DA IGREJA O PROLETARIADO

Ler o que Marx escreveu a respeito do proletariado em seu tempo nos deixa perplexos. Era, sem dúvida, uma mistura de ingenuidade e mistificação. Falava dele sem ter tido contato real e atribuía a ele características e missões que fugiam completamente da realidade. Falava deles como se não fossem seres decaídos e sim um conjunto de anjos sem asas andando sobre a terra. Somente alguém que, tendo rejeitado as promessas divinas, colocaria todas as esperanças em um grupo social, fazendo de seus membros os redentores da humanidade. Em uma longa passagem a descrição desse proletariado fictício é impressionante:

Onde se encontra, então, a possibilidade positiva de emancipação alemã? Eis a nossa resposta: na formação de uma classe com grilhões radicais, de uma classe da sociedade civil que não seja uma classe da sociedade civil, de um estamento que seja a dissolução de todos os estamentos, de uma esfera que possua um caráter universal mediante seus sofrimentos universais e que não reivindique nenhum direito particular porque contra ela não se comete uma injustiça particular, mas a injustiça por excelência, que já não possa exigir um título histórico, mas apenas o título humano, que não se encontre numa oposição unilateral às consequências, mas numa oposição abrangente aos pressupostos do sistema político alemão; uma esfera, por fim, que não pode se emancipar sem se emancipar de todas as outras esferas da sociedade e, com isso, sem emancipar todas essas

²¹ MARX, Karl. **Manuscritos econômico-filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2009, p. 105

²² ENGELS, Friederich. **Do socialismo utópico ao socialismo científico**. Versão Ebook, p. 43.

esferas – uma esfera que é, numa palavra, a perda total da humanidade e que, portanto, só pode ganhar a si mesma por um reganho total do homem. Tal dissolução da sociedade, como um estamento particular, é o proletariado.²³

O teólogo católico Jacques Doyon em seu livro “Cristologia para o nosso tempo” percebeu esse atributo redentor atribuído por Marx à classe operária. Ele escreveu:

O agente desta liberdade, o “Messias” libertador, sempre conforme Marx é o trabalhador mesmo, tornando-se consciente do seu estado de alienação e não contando senão consigo mesmo para se libertar. E isso não se conseguirá a não ser pela ação violenta, que rompe com uma ordem social desumana para a substituir por uma sociedade comunista, onde não existe diferença entre as classes sociais, mas onde todos serão uns para com os outros, irmãos e camaradas [...] em lugar do Messias divino, o redentor, conforme Marx é o proletariado.

O ato libertador, o sacrifício que salva, é a revolução violenta onde uma geração deve sacrificar-se pelo bem da humanidade; e a salvação obtida é uma sociedade perfeita onde reinem a legalidade e a fraternidade.²⁴

25

Doyon não foi o único que expôs o messianismo evidente do marxismo, onde o conceito de proletariado foi mistificado para fornecer o grupo que efetuaría o trabalho de redenção proposto pelo marxismo. Arnold Toynbee, Jacques Maritain, Rudolf Bultmann, Alain Besançon são apenas alguns dos muitos pensadores que perceberam o messianismo do marxismo.

NO LUGAR DOS NOVOS CÉUS E NOVA TERRA O PARAÍSO COMUNISTA SEM CLASSES

O comunismo é a escatologia marxista. Todas as condições que foram fortemente criticadas por Marx como resultantes da propriedade privada, seriam abolidas no futuro. Não há muitos detalhes de como isso iria funcionar, mas qualquer literatura sobre o assunto nos permite perceber que o socialismo “científico” de Marx-Engels era tão ou mais utópico do que o socialismo utópico que eles criticaram.

²³ MARX, Karx. **Crítica da filosofia do direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010, p. 156

²⁴ DOYON, Jacques. **Cristologia para o nosso tempo**. São Paulo: Edições Paulinas, 1970, p. 43, 44.

É difícil não ler um texto como este abaixo, sem perceber que o que temos diante de nós não é de modo algum uma análise científica de uma possível sociedade futura. Foi citado pelo professor e escritor Heitor de Paola. Foi retirado do *Curso Inicial de Comunismo Científico*, usado em Cuba como introdução ao marxismo. O que temos é pura utopia, é messianismo sem Messias, profetismo sem profeta e sem divindade para confirmá-lo.

O comunismo garantirá aos povos da Terra a paz eterna, e os homens serão libertados para sempre da inquietude por seu futuro e o de seus filhos. **O comunismo** confirmará o Reino do Trabalho na Terra, **fará o trabalho livre e criador para todos e o converterá na primeira necessidade vital do homem e em fonte de sua alegria e inspiração.** **O comunismo** criará o verdadeiro Reino da Liberdade do homem como trabalhador, como ser social, como criador e pensador, possuidor das poderosas forças sociais e da natureza. **O comunismo** garantirá a Igualdade e Fraternidade entre todos os homens, **já que todos serão trabalhadores que se desempenharão plenamente de acordo com suas capacidades, e na mesma medida serão satisfeitas suas necessidades.** O homem será outro, companheiro e irmão no mais elevado sentido da palavra. **O comunismo** levará a todos os homens a verdadeira Felicidade, a confiança no belo futuro **e a trabalhar criativamente para que seja de grande utilidade à humanidade e a si mesmo,** e dará a possibilidade de aperfeiçoar infinitamente suas qualidades físicas e intelectuais. O comunismo é o futuro luminoso de toda a humanidade²⁵

26

Vai muito mais longe do que aquilo que Karl Marx disse sobre o futuro, mas mostra o marxismo como uma religião, uma fé e uma esperança bem escatológica.

MARXISMO CULTURAL

O marxismo nunca foi, desde as suas origens, passivo diante da cultura. Sempre soube que precisava enfrentá-la. Todavia, se o marxismo clássico pregava uma mudança nas estruturas econômicas para provocar naturalmente uma alteração nas estruturas culturais, religiosas, legais, etc, um grupo de pensadores marxistas passou a pregar o caminho inverso. O socialismo político precisava ser antecedido pela cultura socialista. Os pensadores da chamada Escola de Frankfurt, Georg Lukács e Antonio Gramsci são apenas alguns dos nomes envolvidos nesse processo. Sem

25 Texto disponível em: http://www.heidordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=3831.

negar os pressupostos básicos do marxismo, esses pensadores produziram a “nova esquerda”, um movimento menos econômico, menos político e bem mais intelectualizado, bem mais filosófico.

O alvo era claro. A cultura ocidental, judaico-cristã, baseada na Bíblia e nos valores por ela produzido: Deus, família, moralidade, propriedade. Desse modo, se a Guerra Fria foi elemento de destaque na segunda metade do século XX, a Guerra Silenciosa realizada pelo marxismo cultural só agora tem sido percebida, denunciada e combatida. Já fez muito estrago no pensamento ocidental e seus ganhos somente serão revertidos com muito empenho, sabedoria e coragem.

Teologia virou antropologia, senão mera política e sociologia. Deus não é realidade divina, mas projeção mental de aspirações econômicas. “Para matar Deus não é preciso chamar Nietzsche. Basta um teólogo da libertação”.²⁶ Ao invés da visão bíblica, onde o indivíduo é culpado por seus atos, prevalece a visão rousseauniana, onde a culpa coletiva absorve o criminoso, então vítima da sociedade. A mulher não se completa no homem, mas é vítima dele. Riqueza não é produto de trabalho diligente, um mérito inevitável dos que a ele se aplicam com afincamento e empenho. É somente resultado da exploração de uma classe cujo principal defeito é não concordar com o marxismo.

27

Problemas nas famílias, sempre houve e haverão. O marxismo não criou o divórcio, nem a infidelidade conjugal, nem os conflitos familiares. Mas o conceito de família é distorcido pelo marxismo cultural e a própria ideia de família como algo bom, natural e necessário é atacado e contestado. Conflitos entre patrões e empregados, entre negros e brancos, entre mulheres e homens nunca foi novo na história. Mas ao invés de amenizar e refrear tais conflitos, a semente do marxismo cultural os acirra, pois em sua concepção, esse é o motor da história. Homossexualismo, por mais condenado que tenha sido nas Escrituras, sempre existiu na história. Persistiu como uma subcultura. Todavia, o marxismo cultural fez dos homossexuais mera massa de manobra, ponta de lança contra a moralidade cristã, destruindo e dominando a cultura ocidental.

Não seríamos justos em culpar exclusivamente o marxismo pelos males morais

²⁶ PONDÉ, Luiz Felipe. **Guia politicamente incorreto da filosofia**. São Paulo: Leya, 2012, p. 154

do ocidente. Todavia, quem conhece seus conceitos sabe a grossa fatia que pode ser atribuída a essa ideologia por muitos dos males modernos. E toda a maldade que ele defende e perpetua, ele defende e perpetua posando de arauto da justiça, de messias redentor, de destino inevitável da marcha da história.

E POR QUE TANTOS O ABRAÇAM?

A grande questão que surge é por que, apesar de tantos males e prejuízos, o marxismo tem sempre multidões, tanto de intelectuais quanto de religiosos que o abraçam? Por que apesar de ter matado milhões de cristãos sempre encontra cristãos que o apoiem? Onde reside sua força?

Como tudo neste mundo, não há uma resposta simples. Todavia, podemos observar alguns pontos que talvez nos ajudem a entender porque ele sempre consegue reunir em torno de si seguidores tão ou mais fervorosos que os de muitas religiões.

Podemos começar dizendo que o marxismo seduz porque ele é um sistema completo e não somente economia ou política. A mente humana tem necessidade de respostas intelectuais sobre o mundo, o homem, a vida e a história. Apesar de enganosas, as respostas do marxismo a essas questões fornece às pessoas a falsa sensação de compreensão da realidade. O Ocidente, decepcionado com a religião institucional, tem no marxismo as ferramentas intelectuais (ou melhor, pensa que tem) que “explicam” o funcionamento do universo, sem precisar de um Deus para abalizá-lo. Ele é uma religião secular plenamente adequada para um mundo naturalista. O mero secularismo é vazio de esperança. O marxismo a fornece, mesmo que seja uma falsa esperança, uma mera cenoura na frente do nariz do burro que ele nunca alcança.

O fator acadêmico também é determinante no avanço do marxismo. Essa ideologia fez da universidade o seu templo, dos professores seus apóstolos e dos alunos, militantes fanáticos. Isso é fato. A própria erudição acadêmica tem o poder de esconder fatos essenciais por meio de uma linguagem ambígua, de modo que contradições evidentes do marxismo e muitos de seus propósitos maquiavélicos permanecem camuflados em uma verborreia indecifrável.

Por outro lado, assim como fez o islamismo, o marxismo se apossou dos

absolutos do cristianismo. Ele não é uma teoria, é uma lei. Ele não responde, ele salva. Seu objetivo final não é convencer, é dominar. Só ele tem as respostas, só ele sabe, só ele faz sentido

O marxismo, não apenas interpreta a história, ele é a história e só nele ela tem sentido. Fornece uma filosofia da história que a reduz aos seus aspectos econômicos e faz tudo parecer mais simples do que realmente é.

Também é preciso levar em conta seu caráter crítico. Antes de fornecer a resposta, ele apresenta o problema. Critica todas as instituições, todos os conceitos, todas as estruturas. E criticar traz autoridade ao que critica. Muitas das suas críticas são verdadeiras e muitas vezes, o criticado realmente tem culpa. Isto esconde o fato de que o marxismo não é a verdade divina revelada, mas apenas uma visão de mundo distorcida e falha. A aplicação de seus princípios tem produzido o caos, pois embora ele aponte o dedo para a doença e o doente, seu diagnóstico é falso e conseqüentemente, seu remédio, geralmente, não somente não cura, como mata o paciente.

Mais um fator a ser levado em conta é seu caráter prático. Seu lema de transformar o mundo sem precisar entendê-lo, faz com que ele force suas teorias goela abaixo da humanidade e gere um redemoinho ativista que detona de modo real e efetivo qualquer oposição oupositor. Como acontece com a identidade (ideologia) de gênero, ele não triunfa por causa da sua coerência e verdade incontestáveis, mas por causa da cruzada que empreende. Enquanto muitos estão discutindo se ela é de fato válida ou não, essa ideologia já ocupou inúmeras cadeiras no parlamento e já está legislando para aqueles que dela discordam.

E o último fator a ser levado em conta é a estratégia de esconder seu caráter totalitário, ateuista, anticristão e mortífero, em um discurso de justiça e igualdade social, de defesa do mais fraco, de monopólio do bem. Do Éden a Hitler, todos os maus propósitos foram escondidos por falsos discursos. Basta conhecer um pouco a história dos diversos governos comunistas e perceber que a maldade perpetrada sempre foi antecedida por promessas paradisíacas e diálogos adocicados. Até que o poder esteja garantido, o discurso é um esconderijo. Até o momento no qual o domínio está garantido, então não há mais necessidade de mimetismos. Ele começa com um clamor pela justiça, prossegue como demagogia política e termina como um

totalitarismo estatal.

TEMOS QUE TERMINAR

Nenhum texto, por mais longo que seja, poderá abranger, descortinar, refutar e contra argumentar de modo definitivo ao marxismo e todas as ideias e práticas por ele produzidas. Olhares econômicos, políticos, históricos, filosóficos podem encontrar ainda mais armadilhas escondidas por trás dos arbustos ou mesmo visivelmente estendidas no meio da estrada. Todavia, nós cristãos, não estamos nessa guerra sem espada, não estamos no mar sem uma bússola. A revelação bíblica pode fornecer uma percepção confiável do mundo e suas relações, bem como mostrar as distorções produzidas por ideologia e filosofias.

Concluo com uma advertência do próprio Marx, que mesmo podendo ser interpretada de maneiras distintas, permanece uma advertência que nossa percepção nos permite entender muito bem:

Por causa desta divergência devemos levar as obras teóricas o mais possível a sério. Estamos firmemente convencidos de que não é o esforço prático, mas antes a explicação teórica das ideias comunistas que é o perigo real. Tentativas práticas perigosas, mesmo aquelas em larga escala, podem ser respondidas com canhão. Mas as ideias conseguidas por nossa inteligência, incorporadas ao nosso modo de ver, e forjadas em nossa consciência, são correntes que nós mesmos não podemos romper sem partir nossos corações; elas são demônios que não podemos vencer sem nos submetermos a eles.²⁷

...pausa... refletamos!

²⁷ McLELLAN, David. *Op. Cit.* p. 67

O PESO DOS NÚMEROS: A QUANTIDADE COMO CRITÉRIO DE VITALIDADE ESPIRITUAL

André Loyola*

RESUMO

Este artigo reflete sobre o peso que os números exercem na sociedade contemporânea como critério de sucesso e vitalidade, contrastando essa lógica com a perspectiva bíblica e espiritual. Enquanto, no contexto social, métricas como seguidores, curtidas e popularidade definem relevância, a Escritura revela que a verdadeira vitalidade espiritual não se mede pela quantidade, mas pela qualidade do coração e pela fidelidade a Deus. Exemplos bíblicos como a oferta da viúva, a multiplicação dos pães e peixes e a seleção do exército de Gideão evidenciam que a matemática divina subverte os padrões humanos. A partir de reflexões teológicas e aplicações práticas, o texto propõe uma leitura crítica sobre a idolatria dos números e um chamado à essência do discipulado cristão.

Palavras-chave: vitalidade espiritual; números; sucesso; qualidade; discipulado; bíblia; reino de Deus.

31

ABSTRACT

This article reflects on the weight that numbers carry in contemporary society as a criterion for success and vitality, contrasting this logic with the biblical and spiritual perspective. While in the social context metrics such as followers, likes, and popularity define relevance, Scripture reveals that true spiritual vitality is not measured by quantity but by the quality of the heart and faithfulness to God. Biblical examples such as the widow's offering, the multiplication of loaves and fishes, and the selection of Gideon's army demonstrate that divine mathematics subverts human standards. Through theological reflections and practical applications, the text proposes a critical reading of the idolatry of numbers and a call to the essence of Christian discipleship.

Keywords: spiritual vitality; numbers; success; quality; discipleship; bible; kingdom of God.

* André Loyola é pastor e fundador da Graça Fellowship Church em Orlando (FL), ativo desde 2010 com foco no evangelho e na comunidade imigrante. Nos EUA desde 1997, possui formação em Teologia (Florida Christian University, EUA). Casado com Renata, tem três filhos: Melody, David e Phillip, e dedica-se à igreja e à expansão do reino local.

INTRODUÇÃO

Vivemos em uma era marcada por métricas, estatísticas e números. O mundo contemporâneo, impulsionado pela revolução digital, tem atribuído à quantidade um peso quase absoluto na avaliação do valor de pessoas, empresas e instituições. A lógica dos seguidores em redes sociais, das curtidas em postagens e das visualizações em vídeos se tornou, em muitos casos, mais relevante do que diplomas, anos de experiência ou trajetórias consistentes. Uma pessoa com milhões de seguidores pode ser vista como autoridade em determinada área antes mesmo de qualquer comprovação acadêmica ou profissional. Assim, o “peso dos números” se converteu em critério de legitimidade e sucesso.

Para aqueles que cresceram em uma realidade pré-internet, onde o valor era medido pela formação escolar, pelo esforço em construir uma carreira sólida e pela reputação construída ao longo dos anos, essa mudança de paradigma soa paradoxal. O que antes era considerado essencial – dedicação, estudo, disciplina – foi, em grande parte, substituído por métricas superficiais e passageiras. A sociedade, de modo geral, aprendeu a considerar os números como sinônimos de vitalidade: empresas são avaliadas por seu faturamento, profissionais por sua audiência, e até mesmo relacionamentos são quantificados pela interação virtual.

No entanto, quando a análise se volta para o campo espiritual, a lógica da quantidade encontra um limite. A vitalidade espiritual não pode ser reduzida a números, sejam eles relacionados ao tamanho de uma congregação, ao valor de uma oferta ou ao número de seguidores de um líder religioso. Na ótica bíblica, os números têm um significado relativo e não absoluto. Jesus, em diversas ocasiões, demonstrou que a verdadeira grandeza não está nos grandes números, mas na profundidade da entrega e na pureza do coração. Exemplos bíblicos reforçam esse princípio: a oferta da viúva pobre, aparentemente insignificante, foi considerada maior que as vultosas quantias dos ricos; cinco pães e dois peixes, insuficientes aos olhos humanos, alimentaram uma multidão; e um pequeno grupo de discípulos, sem prestígio social, transformou o mundo conhecido por meio da fé e da obediência. Esses episódios evidenciam que, na perspectiva do Reino de Deus, a qualidade sempre prevalece sobre a quantidade.

Diante disso, este trabalho se propõe a refletir sobre o peso dos números como critério de vitalidade espiritual, contrapondo a lógica da sociedade contemporânea com a lógica divina apresentada nas Escrituras. O objetivo é demonstrar que a vitalidade espiritual não se mede por estatísticas, mas pela autenticidade do coração diante de Deus, pela fidelidade naquilo que é pequeno e pela disposição em viver segundo valores que transcendem a lógica matemática humana.

O PESO DOS NÚMEROS NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O século XXI consolidou-se como o tempo da superexposição, da velocidade da informação e da cultura da performance. Nesse cenário, os números assumiram o papel de medidores universais de valor. Em plataformas digitais, como redes sociais, a quantidade de seguidores, curtidas, visualizações e compartilhamentos é frequentemente interpretada como sinônimo de relevância. O que antes era avaliado pela profundidade do conteúdo ou pela consistência de uma trajetória agora é julgado em métricas instantâneas e superficiais. Essa mentalidade transformou a forma como indivíduos e instituições compreendem a si mesmos e se apresentam ao mundo.

33

No mercado de trabalho, por exemplo, o prestígio e a autoridade profissional, que tradicionalmente dependiam de diplomas, anos de experiência e resultados comprovados, muitas vezes cedem espaço ao impacto digital. Influenciadores com grande audiência conseguem contratos, parcerias e oportunidades que especialistas sem visibilidade virtual dificilmente alcançariam. A lógica é simples: números atraem números. Quanto maior a audiência, maior o potencial de lucro e de expansão. Assim, a quantidade se torna, automaticamente, um sinônimo de vitalidade e sucesso.

Esse raciocínio não se limita ao universo digital. Empresas são avaliadas por relatórios financeiros e projeções de crescimento. Universidades são ranqueadas por índices de produtividade acadêmica. Até mesmo relacionamentos pessoais podem ser interpretados pela quantidade de mensagens trocadas ou de interações em plataformas virtuais. A obsessão pelos números cria uma cultura em que a aparência de vitalidade é mais valorizada do que a essência.

Todavia, essa lógica apresenta fragilidades evidentes. A busca incessante por números gera ansiedade, comparação e frustração. Pessoas com milhares de

seguidores, por exemplo, podem viver vazias, inseguras e desconectadas de relações reais. Empresas com altos lucros podem falhar eticamente em seus compromissos sociais. O brilho da quantidade nem sempre corresponde à solidez da qualidade. A sociedade contemporânea, portanto, corre o risco de se tornar escrava de métricas que não refletem, de fato, a vitalidade daquilo que pretende medir.

Quando esse paradigma é transposto para a espiritualidade, surgem distorções preocupantes. Congregações podem ser tentadas a avaliar sua “saúde espiritual” apenas pelo número de membros, pela quantidade de eventos realizados ou pela soma das ofertas recebidas. Líderes podem medir seu impacto pela audiência de suas transmissões ao vivo ou pelo número de visualizações de suas mensagens. Embora números possam indicar alcance ou organização, eles não traduzem, necessariamente, profundidade espiritual. É aqui que o contraste entre a cultura contemporânea e a lógica bíblica se torna mais evidente: enquanto o mundo valoriza a quantidade, a fé cristã aponta para a qualidade da vida diante de Deus.

O sociólogo Zygmunt Bauman, ao refletir sobre a liquidez das relações na modernidade, afirma que: “O valor de uma pessoa passou a ser medido pela quantidade de conexões que ela consegue acumular, e não pela profundidade dos laços que constrói.” Essa observação traduz com precisão a mentalidade de nosso século: uma sociedade que substitui a essência pela aparência e que, na ânsia de acumular números, esquece que a verdadeira vitalidade se manifesta naquilo que não pode ser quantificado.

34

O CRITÉRIO ESPIRITUAL SEGUNDO AS ESCRITURAS

A Bíblia apresenta, em diversas passagens, uma lógica que confronta diretamente a idolatria contemporânea pelos números. Se na sociedade atual a vitalidade é frequentemente medida pela quantidade, nas Escrituras o que conta é a disposição do coração, a motivação da entrega e a confiança depositada em Deus. O critério espiritual é qualitativo e não quantitativo.

Um dos exemplos mais emblemáticos está no episódio da oferta da viúva pobre (Lc 21:1–4). Enquanto os ricos depositavam grandes somas de dinheiro no gazofilácio, Jesus destacou a pequena oferta da viúva como superior. Humanamente,

as moedas daquela mulher não tinham valor significativo; espiritualmente, porém, eram expressão de sua total confiança em Deus. A lógica divina, portanto, inverte a lógica dos números: não se trata de quanto se dá, mas de como e com que coração se dá.

Outro episódio significativo é a multiplicação dos cinco pães e dois peixes (Jo 6:1–14). Aos olhos humanos, aquela provisão era insuficiente para uma multidão de mais de cinco mil pessoas. No entanto, nas mãos de Cristo, o pouco se tornou suficiente para todos, com sobras. Aqui, mais uma vez, a narrativa bíblica mostra que a vitalidade espiritual não depende da quantidade inicial, mas do poder de Deus que transforma o pouco em muito.

O livro dos Juízes apresenta ainda o episódio de Gideão e seus trezentos homens (Jz 7). Diante de um exército inimigo numeroso, seria lógico que Israel precisasse de mais soldados. No entanto, Deus reduziu as tropas de Gideão de 32 mil para apenas 300, justamente para que a vitória não fosse atribuída à força humana, mas à intervenção divina. A qualidade da obediência e da fé sobrepôs-se ao peso da quantidade militar.

O próprio Jesus reforça esse princípio em sua parábola da ovelha perdida (Lc 15:4–7). Ele apresenta o pastor que deixa as noventa e nove para buscar a única desgarrada, evidenciando que, para Deus, o valor não está apenas no número da multidão, mas no cuidado individual. A vitalidade espiritual é marcada pela atenção ao pequeno, ao marginalizado, ao que aparentemente não “conta” nas estatísticas humanas.

Como afirma o teólogo Eugene Peterson: “A fidelidade não é medida em termos de tamanho ou quantidade, mas em termos de perseverança e obediência.” Essa frase resume bem a lógica bíblica: vitalidade espiritual não é uma estatística, mas uma postura de vida diante de Deus. Esses episódios revelam que, no Reino de Deus, a matemática é outra. Enquanto o mundo multiplica a importância da quantidade, Deus multiplica o impacto daquilo que é pequeno, mas entregue com fé. O critério espiritual, portanto, está ligado à autenticidade, à entrega sincera e ao compromisso com a verdade de Deus, e não ao acúmulo de números visíveis.

O PARADOXO DA LÓGICA DIVINA

Um dos aspectos mais marcantes da mensagem bíblica é o seu caráter paradoxal. Enquanto a lógica humana se apoia em grandezas visíveis, poder, prestígio e números, a lógica divina frequentemente subverte essas expectativas, apontando para valores invisíveis, pequenos e aparentemente frágeis. O Reino de Deus opera em uma matemática própria, que desafia a compreensão humana. Jesus afirmou: “Muitos primeiros serão últimos; e os últimos, primeiros” (Mt 20:16). Essa declaração desconstrói a lógica da competição e da hierarquia que rege o mundo. Na sociedade, grandeza está associada a posição e influência; no Reino de Deus, a verdadeira grandeza se revela no serviço humilde, na disposição de colocar-se em último lugar por amor a Deus e ao próximo. Trata-se de um paradoxo: perder para ganhar, servir para liderar, humilhar-se para ser exaltado.

Outro exemplo é a parábola da semente de mostarda (Mt 13:31–32). Jesus compara o Reino de Deus a uma das menores sementes conhecidas, que ao crescer se torna uma grande árvore. O início insignificante contrasta com o resultado grandioso. O paradoxo está em perceber que, para Deus, a vitalidade não é determinada pelo tamanho inicial, mas pelo potencial de transformação que o pequeno carrega quando está sob o cuidado divino.

36

De modo semelhante, o fermento na massa (Mt 13:33) ilustra como algo invisível e aparentemente irrelevante é capaz de transformar toda a realidade ao seu redor. A lógica divina valoriza aquilo que não aparece nas estatísticas, mas que tem poder real de gerar mudança.

O apóstolo Paulo também reforça essa lógica ao afirmar: “Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes” (1Co 1:27). A força de Deus se aperfeiçoa na fraqueza humana, e aquilo que parece pequeno e insignificante segundo os critérios humanos pode ter um peso eterno.

Esse paradoxo confronta diretamente a cultura contemporânea, que mede vitalidade por números. Para o mundo, uma igreja cheia é sinônimo de sucesso; para Deus, um coração quebrantado pode ter mais valor que uma multidão reunida por

motivações superficiais. Para o mundo, o que importa é a estatística; para Deus, o que importa é a fidelidade.

O escritor Henri Nouwen expressa essa inversão de valores ao afirmar: “O maior desafio da vida espiritual não é o sucesso, a popularidade ou o poder, mas a entrega constante e silenciosa ao amor de Deus.” Nesse sentido, o paradoxo da lógica divina é um convite a redescobrir que a vitalidade espiritual está naquilo que não pode ser contado, mas apenas vivido com fé, humildade e obediência.

APLICAÇÕES PRÁTICAS

Se o peso dos números não é critério de vitalidade espiritual, é necessário refletir sobre como esse princípio se traduz na vida prática de cristãos, comunidades e líderes. A cultura contemporânea constantemente nos empurra para medir valor e relevância em termos de quantidade, mas a lógica bíblica convida à reorientação dos critérios.

Na vida pessoal, isso significa aprender a não medir a própria espiritualidade pela quantidade de atividades religiosas realizadas ou pelo número de pessoas impactadas por nossas ações. O que Deus valoriza é a integridade do coração, a sinceridade da devoção e a fidelidade no cotidiano. Orar em secreto, perdoar em silêncio, servir sem esperar reconhecimento: esses gestos invisíveis podem ter mais peso espiritual do que grandes demonstrações públicas.

Nas comunidades de fé, é urgente resistir à tentação de transformar a igreja em uma empresa regida por métricas de mercado. O número de membros, a soma das ofertas ou a quantidade de eventos não são indicadores confiáveis da saúde espiritual de uma congregação. A vitalidade de uma igreja se mede pela profundidade do discipulado, pela comunhão sincera e pela capacidade de testemunhar o amor de Cristo em seu contexto. Igrejas pequenas podem ser profundamente frutíferas, enquanto grandes ajuntamentos podem carecer de substância espiritual.

Para líderes espirituais, o desafio é maior. Muitos se veem pressionados a apresentar resultados numéricos para justificar seu ministério. No entanto, o exemplo de Jesus mostra que investir tempo em poucos discípulos, aprofundando relações de ensino e vida, pode ter mais impacto a longo prazo do que falar para multidões sem

gerar transformação genuína. Liderar espiritualmente é semear profundidade, e não apenas amplitude.

O teólogo John Stott sintetiza bem essa verdade ao afirmar: “A medida do ministério não é a extensão do nosso público, mas a profundidade do nosso impacto.” Essa afirmação confronta a lógica contemporânea e nos lembra que o valor espiritual não está em quantos alcançamos, mas em como conduzimos cada pessoa a uma relação viva com Cristo.

Portanto, na prática, é necessário substituir a obsessão por números por um compromisso com qualidade, fidelidade e verdade espiritual. Isso exige coragem para nadar contra a corrente da cultura atual e redescobrir que a vitalidade não se mede em estatísticas, mas em vidas transformadas pelo poder de Deus.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Vivemos em uma era em que números se tornaram símbolos de sucesso e vitalidade. Curtidas, seguidores, faturamentos e estatísticas ditam o valor de indivíduos, empresas e até mesmo comunidades religiosas. No entanto, quando olhamos para a perspectiva bíblica, percebemos que essa lógica não encontra respaldo na economia do Reino de Deus. A vitalidade espiritual não pode ser reduzida a métricas, porque se trata de uma realidade que escapa ao que pode ser contado ou calculado.

As Escrituras revelam, de modo consistente, que o que importa não é a quantidade, mas a qualidade da fé, da entrega e da obediência. A oferta da viúva pobre, os cinco pães e dois peixes, os trezentos homens de Gideão e a parábola da ovelha perdida ilustram que, diante de Deus, o pouco se torna muito e o que é pequeno pode carregar um peso eterno. A lógica divina inverte a lógica humana: os últimos são primeiros, o menor se torna grande e a fraqueza é ocasião para a manifestação da força de Deus. Esse contraste entre a cultura contemporânea e a lógica bíblica nos desafia a repensar nossos critérios de avaliação. Uma igreja não é mais espiritual porque atrai milhares de pessoas, mas porque é fiel em formar discípulos autênticos. Um líder não é mais relevante porque tem muitos seguidores, mas porque conduz pessoas a uma vida mais próxima de Cristo. Um cristão não é

mais piedoso porque participa de inúmeras atividades, mas porque vive com sinceridade e profundidade sua devoção ao Senhor.

O teólogo Dietrich Bonhoeffer afirmou: “O que realmente importa não é o número de pessoas que nos seguem, mas se seguimos fielmente a Jesus Cristo.” Essa verdade ecoa como uma síntese daquilo que foi discutido: a vitalidade espiritual não se mede pela extensão de nossa influência, mas pela autenticidade de nossa caminhada com Deus.

Portanto, diante de uma sociedade obcecada por números, somos convidados a redescobrir a matemática do Reino de Deus. Uma matemática em que um coração sincero vale mais do que multidões superficiais, em que um pequeno gesto de amor pode ter impacto eterno, e em que o pouco colocado nas mãos de Cristo se torna suficiente para transformar o mundo. A verdadeira vitalidade espiritual não pode ser contada; apenas vivida.

REFERÊNCIAS

39

A BÍBLIA SAGRADA. Traduções variadas (sugestão: Almeida Revista e Atualizada – ARA). Sociedade Bíblica do Brasil, 2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Vida para Consumo**: a transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

NOUWEN, Henri J. M. **A Espiritualidade do Deserto**: o caminho para a intimidade com Deus. São Paulo: Paulinas, 1999.

PETERSON, Eugene H. **Um Pastor Segundo o Coração de Deus**: redescobrimo a essência do ministério. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

STOTT, John. **A Mensagem do Sermão do Monte**. São Paulo: ABU Editora, 2008.



DIÁLOGOS CONTINGENTES

EVANGELHO EM REDE: TECNOLOGIAS, ALGORITMOS E O CRESCIMENTO EVANGÉLICO NO BRASIL

Emerson C. Mildenberg*

Eron Pereira**

Sibelly Vitória Antonio***

RESUMO

O termo metaverso aumentou cada vez mais sua popularidade, especialmente a partir de 2020, na pandemia, na qual muitas pessoas tiveram que deixar seu convívio presencial por diálogos em um cotidiano virtual. Com inúmeras celebrações virtuais e o uso massivo das redes sociais, observa-se uma religiosidade cada vez mais influenciada pelo consumo midiático, onde a fé é, por vezes, trocada por curtidas em publicações religiosas e a identidade espiritual é moldada por meio de perfis digitais religiosos. O artigo analisa a ascensão evangélica brasileira e seus desafios teológicos, sociais e políticos no século XIX.

Palavras-chave: evangélico; metaverso; lifelogging; redes sociais.

ABSTRACT

The term “metaverse” has increasingly gained popularity, especially since 2020, during the pandemic, when many people had to leave their in-person interactions for dialogues in a virtual daily life. With numerous virtual celebrations and the massive use of social media, one observes a religiosity increasingly influenced by media consumption, where faith is sometimes exchanged for likes on religious posts and spiritual identity is shaped through digital religious profiles. This article analyzes the Brazilian evangelical rise and its theological, social, and political challenges in the 19th century.

Keywords: evangelic; metaverse; lifelogging; social media.

1 INTRODUÇÃO

Durante os últimos anos, o termo metaverso aumentou cada vez mais sua popularidade, especialmente a partir de 2020, na pandemia, na qual muitas pessoas tiveram que deixar seu convívio presencial por diálogos em um cotidiano virtual. Mas,

* Coordenador do Núcleo de Pastoralidade do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

** Docente do curso de Ciência da computação do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

*** Discente do curso de Ciência da Computação do Centro Universitário Filadélfia - UniFil

mesmo que a expressão metaverso seja ilustre atualmente, suas origens não são tão novas quanto parecem.

De início, é importante destacar que o metaverso há mais de cem anos foi previsível em obras literárias de ficção científica. O escritor britânico Edward Morgan Forster, em 1909, escreveu o conto *The Machine Stops*, no qual se imaginavam cenários futuristas marcados com a presença da tecnologia no cotidiano. Nesse contexto, ele destaca a dependência dos humanos com as máquinas, além da interação por meio de tecnologias, notando a carência do diálogo físico.

Diante disso, algumas décadas depois, em 1992, surgiu o termo e conceito de metaverso, e foi novamente por meio de uma obra chamada *Snow Crash*, escrita por Neal Stephenson. Ele descreve um espaço virtual coletivo no romance, onde pessoas interagiam com as outras em tempo real em um mundo semelhante ao físico, no qual elas se comunicam por meio de avatares. A partir disso, o termo metaverso foi expandindo-se até hoje, como um ambiente alternativo para socialização e sendo cada vez mais utilizado neste conceito em diferentes contextos.

42

Um dado interessante sobre o aumento da utilização do metaverso para socialização é fornecido por uma pesquisa realizada pela Gartner (2022), que diz “até 2026, 25% das pessoas passarão pelo menos uma hora por dia em um metaverso para trabalho, compras, educação, mídias sociais e/ou entretenimento.” Esse dado reflete muito o cotidiano dos indivíduos no futuro.

Embora existam diferentes tipos de metaverso com seus diferentes aspectos, todos são entendidos como um ambiente virtual imersivo, caracterizado pela combinação de tecnologia digital, interatividade e representação tridimensional. Sobre sua definição (Caiuby *et al.*, 2023):

Segundo o site Binance Academy, “Metaverso” é um conceito desenvolvido no romance de ficção científica *Snow Crash*, de Neal Stephenson que consiste em um espaço virtual 3D on-line que, com uso de realidade aumentada, avatares, blockchain, conecta usuários em todos os aspectos de suas vidas, tendo como finalidade unir várias plataformas.

Nesse viés, é necessário entender alguns eixos importantes, como a tecnologia de realidade aumentada, na qual é uma sobreposição do virtual no real, em que uma imagem pode ser projetada por um dispositivo sobre outra imagem. E a tecnologia de simulação, que foca mais no 3D, traz uma simulação de um ambiente

virtual modelado.

Entre outros eixos, destaca-se a divisão entre os mundos externo e interno. O mundo externo tem se focado na exibição e controle de informações sobre o mundo físico. E o interno se concentra no comportamento e características do próprio indivíduo, que podem ser representados como avatares dentro do metaverso. Entender essa diversidade de mundos facilita compreender sobre os demais eixos do metaverso, pois uma complementa a outra.

Os quatro domínios principais do metaverso, também conhecida como Metaverse Quadrants definida por Michael J. Metzger e John Smart são: realidade aumentada (RA), Lifelogging, mundo espelhado e realidade virtual (VR). Cada um possui recursos tecnológicos distintos, podendo fazer combinações do mundo real e virtual ou realizando simulações em ambiente digital. A realidade aumentada é uma tecnologia que sobrepõe o mundo físico, insere elementos virtuais em ambientes reais, tais como imagens, vídeos, objetos 3D, games, links externos, etc. (Caiuby *et al.*, 2023)

43

De acordo com Kye *et al.* (2021, tradução própria) “A realidade virtual é um tipo de metaverso que simula o mundo interior. A tecnologia de realidade virtual inclui gráficos 3D sofisticados, avatares e ferramentas de comunicação instantânea”. Essa categoria engloba jogos eletrônicos e plataformas, como Roblox, Minecraft, etc., ao simularem interações sociais em um ambiente artificial independente da distância entre os usuários.

O Lifelogging é um tipo de aumento do mundo interior, ele é capaz de registrar seus hábitos em dispositivos, como aplicativos que gravam suas músicas ouvidas, lugares visitados e entre muitos outros, assim, armazenando suas informações neste mundo, é uma prática de gravar e arquivar partes da vida. Nesse sentido, é como pegar dados de um usuário no mundo externo e armazená-los em um mundo interno, para que o perfil dele seja cada vez mais realista em um mundo digital. Segundo Kye *et al.* (2021, tradução própria) “No mundo do lifelogging, as pessoas usam dispositivos inteligentes para registrar suas vidas diárias na internet ou em smartphones”. Nesse sentido, temos como exemplo as redes sociais, no qual se encaixam o Facebook, Instagram, X e entre outras redes sociais existentes.

Outrossim, o mundo espelhado é uma simulação digital que pertence ao

mundo externo, possui a funcionalidade de refletir o mundo real, como o Google Map. É interessante o uso dos mundos espelhados, pois proporciona que uma pessoa, pelo seu computador, conheça diferentes lugares do mundo sem sair de casa. Os usos potenciais dos mundos espelhados são amplos e incluem coisas como turismo virtual, colaboração remota, geminação digital de cidades e muito mais. (Yazici *et al.*, 2024).

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 CELEBRAÇÕES VIRTUAIS

Durante a pandemia, os cultos religiosos precisaram migrar para o ambiente virtual. Foi um período marcado pela realização de inúmeras celebrações online, prática que, mesmo após o fim das restrições, continua acontecendo com frequência atualmente. Essa transição ampliou o alcance de comunidades, como também novas formas de sociabilidade religiosas graças a tecnologia.

A Igreja Batista da Lagoinha realizou pela primeira vez uma celebração virtual no metaverso, inaugurando seu templo no metaverso em 13 de abril de 2022, conhecida como LagoVerso. De acordo com Silva e Neto (2023), o templo cristão é reconhecida como a primeira igreja cristã brasileira a estar presente neste espaço virtual, no qual, o projeto foi desenvolvido por um frequentador da Igreja da Lagoinha Orlando Church, com o incentivo de André Valadão.

Para participar de alguma atividade no LagoVerso, os interessados precisam ter acesso a um computador conectado na Internet ou aos óculos de realidade virtual, baixar e instalar o programa AltspaceVR no dispositivo. (Silva; Neto, 2023).

2.2 INFLUÊNCIA MIDIÁTICA

Durante os últimos anos, cada vez mais é frequente ver adolescentes, adultos e até mesmo idosos utilizando as redes sociais. No entanto, surge a questão: será que todos os conteúdos divulgados nesses espaços são realmente relevantes? Muitas pessoas que se destacam como influenciadores digitais compartilham informações e experiências, mas nem sempre elas correspondem à realidade.

Isso é uma problemática à qual inúmeros usuários são expostos diariamente. Muitos acompanham, em seu cotidiano, a vida ou os ensinamentos transmitidos nas mídias sociais sem ao menos verificar a veracidade das fontes, ou das informações recebidas.

Consequentemente, os influenciadores acabam lucrando às custas de usuários enganados, o que reforça a necessidade de desenvolver práticas mais conscientes e críticas ao uso das redes sociais.

Um exemplo recente que marcou o começo de 2025 foi o caso de Miguel Oliveira, um adolescente que tinha 14 anos naquele tempo, começou a realizar cultos em igrejas evangélicas brasileiras. Durante suas pregações, ele afirmava ser profeta e alegava realizar curas de doenças de seus fiéis. Em Andrade (2025) é possível ler um desses casos:

O jovem pastor Miguel Oliveira, de 15 anos, que ganhou projeção nacional ao afirmar ser capaz de curar doenças como câncer e leucemia durante cultos, está no centro de uma nova polêmica. Kelly [...] veio a público para esclarecer que continua doente e que não foi curada por nenhum milagre.

45

Além de realizar as pregações, o adolescente cobrava por cada culto seu realizado, com um valor realmente alto, além de realizar postagens em suas redes sociais de gravações em seus cultos, alcançando uma alta quantidade de visualizações. E o que mais chama a atenção do público nas postagens é a sua idade jovem. Na notícia (Quem, 2025), diz:

O jovem soma mais de um milhão de seguidores no Instagram, onde já chegou a compartilhar vídeos onde supostamente 'traduz' línguas religiosas durante um culto. Durante participação em podcast, Miguel já chegou a afirmar que, se quiser, pode pedir R\$ 10 mil durante cultos.

Atualmente, com mais de um milhão de seguidores, Miguel Oliveira parou de realizar suas pregações em cultos evangélicos por ordem do Conselho Tutelar. Nesse sentido, é observado como falsos evangélicos podem acabar influenciando pessoas religiosas com suas mentiras ou até mesmo converter indivíduos, os enganando ao fazer promessas e milagres falsos e os fazendo terem um imaginário totalmente fictício sobre a igreja.

Esse avanço midiático pode ser considerado algo bom ou ruim para os

evangélicos, pois segundo Bispo (2024) as trocas digitais podem estimular o enfraquecimento de fronteiras entre o que é sagrado e profano. E pastores que pregam a Palavra precisam saber transmitir sua mensagem da maneira correta porque eles moldam como os fiéis enxergam o mundo, Oliveira (2024, p. 11) cita novamente:

Quando os pastores nominam e interpretam o mundo à sua volta, isso é uma forma de poder. Porém, ao mesmo tempo que, os atores sociais criam sons, representações e moldam palavras, também se é sujeito do próprio dizer. Quando estes pastores enunciam seus discursos, eles se apóiam nos sentidos existentes antes deles, e isso é uma afirmação do que é “ser evangélico”.

2.3 CRESCIMENTO OU MASSIFICAÇÃO?

Conforme o último Censo Demográfico (IBGE, 2022), houve um aumento no número de evangélicos num período de 12 anos. Em 2010, 21,6% da população correspondiam como evangélicos, passando para 2022, essa porcentagem chegou a 26,6% dos brasileiros. Ao analisar esses dados da pesquisa, será que houve alguma influência das mídias nesse processo de crescimento?

Com inúmeras celebrações virtuais e o uso massivo das redes sociais, observa-se uma religiosidade cada vez mais influenciada pelo consumo midiático, onde a fé é, por vezes, trocada por curtidas em publicações religiosas e a identidade espiritual é moldada por meio de perfis digitais religiosos.

Rezende (2024) relata que se compõem como um campo imprescindível de existência e crescimento religioso, tendo em vista que se vive numa sociedade sinalada pelos meios de comunicação de massa. Para entender essa perspectiva que igrejas utilizam os meios midiáticos para fomentar essa expansão atual de fiéis, Rezende (2024) finaliza:

Grandes Igrejas, como a Assembleia de Deus, o Evangelho Quadrangular, Deus é Amor e a Igreja Universal do Reino de Deus, entre outras, se constituíram como as representantes das levas pentecostais no país. Tais denominações, que hegemonizaram o cenário nacional, perceberam no aprimoramento dos meios de comunicação, e no modo de produção capitalista, a alavanca necessária para a sua expansão e sobrevivência atual.

Oliveira (2024) destaca um ponto muito importante sobre redes sociais no

meio religioso atualmente, em que comenta, “hoje o que se vê é, praticamente, uma obsessão por um maior número de seguidores nas redes sociais, sendo quase impossível pensar em igrejas que não tenham um perfil em redes sociais, como o Facebook ou Instagram.”

É importante destacar que as redes sociais contribuem para o usuário ser visto em uma comunidade, mostrando sua identidade, porém elas não criam relações humanas autênticas, pois não há contato físico e troca emocional, conexões virtuais são rápidas e superficiais, como curtidas e comentários. Dessa maneira, esses meios digitais de comunicação podem fomentar o vínculo com os indivíduos, mas não possuem a capacidade de substituir a convivência humana construída com afeto e experiências vividas.

Identidade nunca é uma coisa única, ou seja, um indivíduo pode evocar identidades múltiplas de acordo com o contexto no qual vive. Atendendo ao imperativo de visibilidade, compreende-se que não basta apenas criar um perfil virtual, é necessário ser atuante, pois redes sociais virtuais são apenas potencializadoras das relações humanas. (Oliveira, 2024).

47

Os meios de comunicação em massa podem acabar ocasionando uma massificação disfarçada de autonomia espiritual. Esses ambientes digitais vendem a ideia de liberdade e autenticação, mas no final, acabam seguindo padrões comportamentais massificados.

Nesse cenário, tendo como exemplo a Igreja We Are Reino, um templo luxuoso localizado em Balneário Camboriú, que desde a pandemia vem atraindo jovens de uma maneira diferente. O perfil no Instagram deste movimento tem mais de 100 mil seguidores, onde eles publicam fotos e vídeos de pessoas que sempre estão usando roupas de tons claros, todos combinando, como uma etiqueta local, uso frequente de expressões em inglês e também mostram o local de culto semelhante a uma casa de espetáculos, com paredes pretas, um grande palco e sempre com uma fila extensa na parte externa para a entrada dos frequentadores.

Na notícia de Sales (2024) é relatado algumas críticas sobre esse caso, dizendo que o perfil da Igreja nas mídias sociais parece mais como uma loja de roupas do que o perfil de uma igreja evangélica em si. Além disso, outros críticos comentam que foi desenvolvido uma startup de igreja. Diante disso, é notório que fiéis que

frequentam lugares como este estão sujeitos a seguirem padrões massificados, exemplo disso, ao ver pessoas se vestindo com roupas parecidas com símbolos e escrita religiosa, surge um desejo de se encaixar nesse grupo, como seguir uma tendência, que neste caso a própria igreja vende as vestimentas. Mas afinal, seria mais importante ouvir A Palavra de Deus ou seguir o style da comunidade?

3 CONCLUSÃO

Em suma, essa maneira diferente de atrair a população para dentro da igreja de uma maneira que personaliza a espiritualidade como uma playlist está se tornando um crescimento massificado e não uma conversão por completa em Cristo, mesmo o fiel achando que está sendo livre e autêntico nas redes e em sua religiosidade, na maioria das vezes estão apenas reproduzindo comportamentos padronizados e capitalistas, tendo assim, uma visão de autonomia, quando, na prática, estão se massificando.

Outrossim, é válido destacar as pautas ideológicas, como teológicas, sociais e políticas, também criadas no meio religioso. Isto é, quando alguém não se transforma de fato em seu interior, mas apenas se identifica com um grupo ou discurso. Onde pessoas que se dizem evangélicas possuem uma superfície ideológica em vez de fé.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ranyelle. **Metrópolis**. 3 maio 2025. Disponível em: <https://www.metropoles.com/viralizou/video-mulher-expoe-falsa-cura-de-cancer-atribuida-ao-pastor-miguel>. Acesso em: 5 set. 2025.

BINANCE ACADEMY. **What is the Metaverse?** 2025. Disponível em: https://academy.binance.com/pt/articles/what-is-the-metaverse?utm_campaign=googleadsxacademy&utm_source=googleadwords_int&utm_medium=cpc&ref=HDYAHEES&gclid=Cj0KCQiA1NebBhDDARIsAANiDD1pybdBN8V4IJ5XOldpr3t4i3Fpu21m1TeBYbbbND5lfss6kRa1ohoaArjVEALw_wcB. Acesso em: 7 set. 2025.

BISPO, Raphael. É fã ou hater? interrupções religiosas e colapsos morais nas redes sociais digitais de artistas evangélicas. **Religião & Sociedade**, [S./], v. 44, n. 3, p. 1-31, dez. 2024.

CAIUBY, Celia; DINIZ, Estevão; KLAUSNER, Guilherme Alfradique; HENCKES, Leonel; SOBRAL, Miriam de Oliveira Aguiar. **Metaverso e sociedade**: artigos finais do V Grupo de Pesquisa [livro eletrônico]. Ilustração de Stephanie Lima. Rio de Janeiro: ITS - Instituto de Tecnologia e Sociedade, 2023.

GARTNER. *What Is a Metaverse? And Should You Be Buying In?* **Gartner**, 21 out. 2022. Disponível em: <https://www.gartner.com/en/articles/what-is-a-metaverse>. Acesso em: 07 set. 2025.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2022**: católicos seguem em queda; evangélicos e sem religião crescem no país. Brasília: IBGE, 06 jun. 2025. Agência de Notícias. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/43593-censo-2022-catolicos-seguem-em-queda-evangelicos-e-sem-religiao-crescem-no-pais>. Acesso em: 10 set. 2025.

KYE, B.; HAN, N.; KIM, E.; PARK, Y.; JO, S. Educational applications of metaverse: possibilities and limitations. **J. Educ.Eval. Health Prof.**, v. 18:32, 2021. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/34897242/>. Acesso em: 10 set. 2025.

OLIVEIRA, Arthur Eduardo Oliveira de. As estratégias discursivas utilizadas pelos pastores nas redes sociais: Deive Leonardo e a midiatização da fé. *In*: INTERCOM – SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 47., 2024, Itajaí. **Anais [...]**. Itajaí: Univali, 2024.

QUEM é Miguel Oliveira, pastor mirim que cobra até R\$ 10 mil de fiéis durante cultos. **Metrópolis**. 30 abr. 2025. Disponível em: https://www.otempo.com.br/brasil/2025/4/30/quem-e-miguel-oliveira-pastor-mirim-que-cobra-ate-r-10-mil-de-fieis-durante-cultos?utm_source=chatgpt.com#. Acesso em: 5 set. 2025.

REZENDE, D.B.H. disputa e poder dos evangélicos brasileiros em torno dos meios de comunicação de massa. *In*: REZENDE, D.B.H. **Temas em Estudos de Religião - Volume 2**, [S.l.]: Editora Científica Digital, 2024. p. 20-37. DOI: <http://dx.doi.org/10.37885/240717026>.

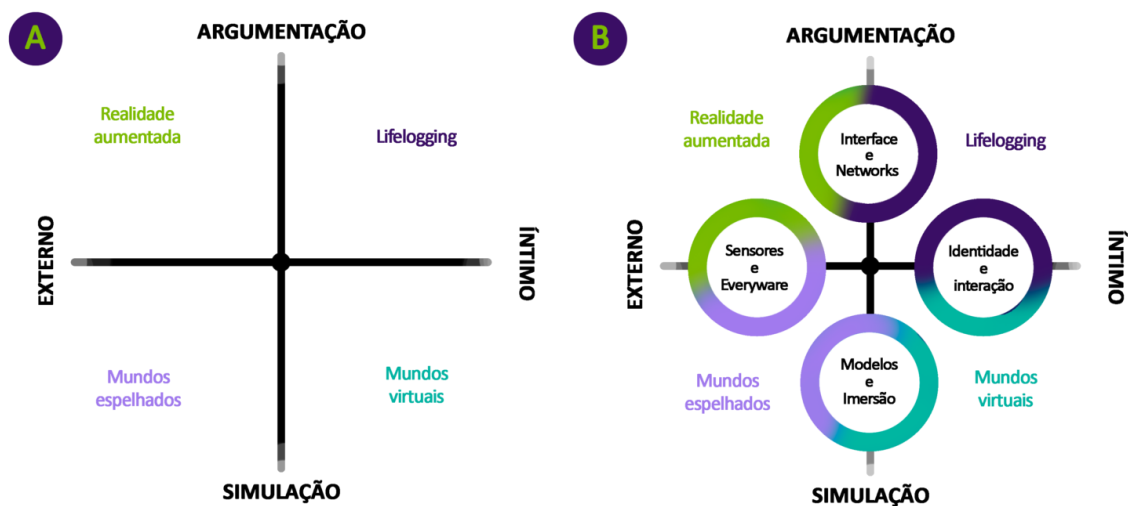
SALES, Pollyana. Conheça a 'We Are Reino', igreja luxuosa que é alvo de críticas na internet: 'Pobre pode entrar?' **O TEMPO**, 6 jun. 2024. Religião Moderna. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/brasil/2024/6/6/conheca-a-we-are-reino---igreja-luxuosa-que-e-alvo-de-criticas->. Acesso em: 17 set. 2025.

SILVA, Aline Amaro da; NETO, Marcus Túlio Oliveira. Presença cristã no metaverso: perspectivas e desafios pastorais a partir do estudo de caso do LagoVerso. **Ephata**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 179–206, 2023. DOI: 10.34632/ephata.2023.13005. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/ephata/article/view/13005>. Acesso em: 11 set. 2025.

YAZICI, A. M.; ÖZKAN, A.; ÖZKAN, H. Meta: XR-AR-MR and Mirror World Technologies Business Impact of Metaverse. *Journal of Metaverse*, [S. l.], v. 4, n. 1, p. 21-32, 2024. DOI: <https://doi.org/10.57019/jmv.1344489>.

ANEXO

Figura 1 - Representação das categorias de metaverso de acordo com seus eixos.



Fonte: Adaptado de Kye et al. (2021).

50

Figura 2 – Registro de tela do perfil de Miguel Oliveira em seu perfil no Instagram



Fonte: Instagram de Miguel Oliveira (2025)

A FÉ EM PRAÇA PÚBLICA: O PAPEL DO CRISTÃO NO CONTEXTO POLÍTICO ATUAL BRASILEIRO

Giovani Augusto Pereira de Mattos*

RESUMO

Este artigo reflete sobre a relevância da atuação do cristão e da Igreja no cenário político contemporâneo brasileiro, considerando a tensão entre fé e cidadania em tempos de polarização social e política. A partir de uma perspectiva bíblica, discute-se o chamado público do cristão como sal e luz (Mt 5.13-16), a necessidade da participação em causas sociais e a responsabilidade ética de líderes e legisladores que professam a fé cristã. O estudo dialoga com referências como Abraham Kuyper e Dietrich Bonhoeffer, e apresenta dados de experiências internacionais que comprovam a contribuição de políticos cristãos para a redução da pobreza e para o desenvolvimento social e econômico em países em crise. A análise conclui que o cristão, fundamentado na Palavra, deve contribuir para a promoção do bem comum, da justiça e da dignidade humana, tanto por meio do testemunho comunitário da Igreja quanto pela atuação responsável de políticos eleitos que assumem sua fé como norte ético de suas decisões.

51

Palavras-chave: cristão; política; igreja; sociedade; Brasil; justiça social.

ABSTRACT

This article examines the relevance of Christian engagement and the Church in contemporary Brazilian politics, considering the tension between faith and citizenship in times of social and political polarization. From a biblical perspective, it addresses the Christian's public calling as salt and light (Matthew 5:13-16), the necessity of involvement in social causes, and the ethical responsibility of leaders and legislators who profess the Christian faith. The study engages with thinkers such as John Stott, Abraham Kuyper, and Dietrich Bonhoeffer, and presents international data demonstrating the contributions of Christian politicians to poverty reduction and social and economic development in countries facing crises. The analysis concludes that Christians, grounded in Scripture, should promote the common good, justice, and human dignity through both the communal witness of the Church and the responsible political actions of elected officials guided by their faith.

Keywords: christian; politics; church; society; Brazil; social justice.

* Giovani Augusto Pereira de Mattos, vereador em Londrina e vice-presidente da Câmara Municipal, bacharel em Ciências Contábeis (UEL), com MBA em Gestão Pública. Empresário e membro da Igreja Assembleia de Deus Central de Londrina/PR

INTRODUÇÃO

O Brasil contemporâneo vive um momento de intensas transformações sociais e políticas, marcado pelas crises institucionais, a polarização ideológica e a crescente descrença na classe política. Nesse contexto, a presença do cristão e da Igreja no espaço público tem sido alvo de debates, críticas, mas que continua trazendo esperança.

A questão central que se coloca é: qual deve ser o papel do cristão e da Igreja diante da realidade política atual? A fé pode e deve influenciar a política? Como evitar tanto o risco do partidarismo ideológico quanto o da omissão?

Este artigo busca refletir sobre essas questões de acordo com a Palavra de Deus, trazendo contribuições teológicas, além de experiências históricas que inspiram uma atuação responsável, ética e transformadora da fé cristã no cenário político.

1 O FUNDAMENTO BÍBLICO DA ATUAÇÃO CRISTÃ NA SOCIEDADE

52

A Bíblia apresenta o cristão como sal da terra e luz do mundo (Mt 5.13-16), metáforas que apontam para um testemunho ativo, preservador da justiça e iluminador das trevas sociais. O apóstolo Paulo também ensina que toda autoridade é instituída por Deus (Rm 13.1-7), o que implica que a política deve ser exercida com responsabilidade e temor.

No Antigo Testamento, os profetas constantemente denunciaram injustiças sociais, opressão aos pobres e corrupção entre líderes (Am 5.24; Is 1.17). Já no Novo Testamento, Jesus inaugura um Reino que não é deste mundo (Jo 18.36), mas que transforma este mundo pela prática da justiça, da misericórdia e da fé (Mt 23.23).

Assim, o fundamento da atuação cristã não está em ideologias humanas, mas na fidelidade à Palavra de Deus, que chama a Igreja a ser voz profética, guardiã da verdade e promotora da paz.

2 A IGREJA E SUA RESPONSABILIDADE SOCIAL

A Igreja não existe apenas para si mesma, para ficar fechada, mas para testemunhar o Reino de Deus no mundo. A fé cristã sempre teve implicações sociais. A tradição da Reforma Protestante, por exemplo, reafirmou o conceito de sacerdócio universal dos crentes, segundo o qual todo cristão é chamado a servir a Deus em todas as áreas da vida, inclusive na política. Portanto, aquele que não vive a servidão de maneira constante, não vive o cristianismo.

Internacionalmente, nomes como Dietrich Bonhoeffer mostraram que a omissão diante da injustiça é cumplicidade com o mal (Bonhoeffer, 2002). No Brasil, pastores e comunidades evangélicas participaram ativamente de lutas por liberdade religiosa, combate à escravidão e defesa da dignidade humana.

Nesse sentido, a Igreja é chamada a atuar como consciência crítica da sociedade, denunciando práticas de corrupção, violência e desigualdade, ao mesmo tempo em que promove iniciativas de solidariedade, inclusão e justiça.

53

3 O CRISTÃO NA POLÍTICA: DESAFIOS E OPORTUNIDADES

O cristão que ocupa cargos políticos, seja no Legislativo ou no Executivo, carrega dupla responsabilidade: a de representar a população e a de honrar a fé que professa. Não se trata de impor uma teocracia, mas de viver princípios éticos e bíblicos que tragam benefícios para toda a sociedade. Não se deve promover um estupro religioso, mas apresentar frutos de uma vida baseada em princípios e valores ensinados por Cristo e que contribuem para o bem comum da sociedade.

Como declarou Abraham Kuyper, primeiro-ministro da Holanda no século XIX, “não há um centímetro quadrado da existência humana sobre o qual Cristo, que é soberano, não declare: É meu!” (Kuyper, 1880).

Na prática, o cristão político deve defender pautas que promovam:

- 1- A dignidade da vida humana em todas as suas fases.
- 2- A justiça social e a redução das desigualdades.
- 3- A liberdade religiosa e de consciência.

4- A ética na gestão pública e no uso dos recursos.

5- O fortalecimento da família e da cidadania responsável.

Esses princípios encontram respaldo em experiências internacionais. Segundo o Banco Mundial (2022), em países africanos de maioria cristã onde líderes políticos adotaram princípios éticos de responsabilidade social, a pobreza extrema caiu em média 15% em duas décadas. A Libéria, por exemplo, sob a liderança da cristã Ellen Johnson Sirleaf, reduziu a pobreza extrema de 64% em 2003 para 54% em 2014, com políticas inspiradas em valores de fé que priorizaram educação e saúde (World Bank, 2022).

Outro exemplo é a Coreia do Sul, onde a participação de políticos e líderes cristãos foi decisiva na reconstrução pós-guerra. Entre 1960 e 1990, o país reduziu sua taxa de pobreza absoluta de 40% para menos de 5%, consolidando-se como uma das economias mais dinâmicas do mundo (Pew Research Center, 2011).

4 A IGREJA E OS DESAFIOS DO BRASIL CONTEMPORÂNEO

54

O Brasil enfrenta desafios profundos: pobreza estrutural, violência urbana, corrupção política, desvirtuação dos princípios e degradação da confiança social. A Igreja, como comunidade de fé, não pode se eximir desse debate. Isso seria se acovardar perante uma guerra direta contra a fé cristã.

Ao contrário, sua atuação social deve ser profética ao denunciar injustiças, pastoral ao cuidar das pessoas, principalmente dos mais pobres e transformadora ao promover políticas públicas e ações comunitárias que melhorem a vida da população.

Quando a Igreja se cala diante de injustiças, corre o risco de perder relevância. Mas quando assume sua missão integral, torna-se instrumento de Deus para renovar a sociedade (Veith Jr., 2002).

CONCLUSÃO

A atuação do cristão e da Igreja no contexto político brasileiro é urgente e necessária. O silêncio diante da injustiça não é opção para quem segue a Jesus. A

Palavra de Deus chama a Igreja a ser sal e luz, a defender o órfão, a viúva e o estrangeiro, e a promover a justiça que reflete o caráter de Deus.

Políticos cristãos, quando guiados pela fé, podem ser instrumentos de transformação, defendendo valores que dignificam a vida e servem ao bem comum. A Igreja, por sua vez, deve permanecer vigilante, discipulando cidadãos conscientes, cobrando integridade de seus representantes e oferecendo alternativas de esperança em meio à crise.

Em tempos de polarização e descrédito político, o testemunho cristão é uma oportunidade para mostrar que ainda é possível fazer política com honestidade, serviço e amor ao próximo. O Brasil precisa de uma Igreja ativa, engajada e fiel ao evangelho, e de cristãos que, em qualquer esfera de atuação, testemunhem que “o Reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, paz e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14.17).

REFERÊNCIAS

55

BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

BONHOEFFER, Dietrich. **Ética**. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

KUYPER, Abraham. **Sphere Sovereignty**. Amsterdam: [s.n.], 1880.

PEW RESEARCH CENTER. **Global Christianity**. Washington, DC: Pew Forum, 2011.

UNITED NATIONS; WORLD BANK. **World Development Indicators**. Washington, DC, 2022.

VEITH JR., Gene Edward. **God at Work**: Your Christian Vocation in All of Life. Wheaton: Crossway, 2002.

WILBERFORCE, William. **Real Christianity**. Peabody: Hendrickson, 1996.



CONTRAPONTO

 CONTRAPONTO**O FIM DA IDENTIDADE EVANGÉLICA: UMA ANÁLISE DIALÉTICA DA FRAGMENTAÇÃO DOUTRINÁRIA, SUAS CONSEQUÊNCIAS POLÍTICAS E O IMPERATIVO DA DIVERSIDADE NO BRASIL**

Helio Aparecido Teixeira*

RESUMO

O crescimento numérico do segmento evangélico no Brasil foi acompanhado por uma intensa diversificação interna (entre históricos, pentecostais, neopentecostais e desigrejados), culminando numa crise de identidade, à qual vem sendo aplicada uma tentativa de resolução por meio de uma intensa agenda de politização dos espaços e das percepções da fé religiosa. Neste sentido, o presente artigo aborda a crescente fragmentação doutrinária e a pulverização denominacional dentro do evangelicalismo brasileiro, questionando a validade e a existência de um centro teológico comum que possa sustentar a categoria “evangélico” como uma identidade coesa e significativa no cenário contemporâneo. O argumento central é desenvolvido através de uma leitura teológica dialética, inspirada em Karl Barth, que interpreta a atual politização da fé — manifestada na ascensão da “Bancada Evangélica” e na busca por um projeto de poder — como um “Não” de Deus a essa tentativa de construir uma “cristandade” à fórceps. Em contrapartida, o “Sim” divino é identificado nas ações de amor incondicional e no respeito às diferenças, uma perspectiva que é ancorada na vasta diversidade genética do povo brasileiro como uma chave hermenêutica. Conclui-se que a fé é uma experiência fundamentalmente individual e que a tentativa de impor princípios cristãos como política de Estado representa um desvio da verdadeira vocação da Igreja, que é ser um reflexo de Cristo na sociedade, e não forjar uma “sociedade de Cristo”.

57

Palavras-chave: evangelicalismo brasileiro; fragmentação doutrinária; teologia dialética; diversidade.

ABSTRACT

The numerical growth of the evangelical segment in Brazil has been accompanied by an intense internal diversification (among historical, Pentecostal, neo-Pentecostal, and de-churched groups), culminating in an identity crisis that has been met with attempts at resolution through a strong agenda of politicization of both religious spaces and

* Graduado em teologia e pedagogia. Possui doutorado em Teologia pela Faculdades EST, São Leopoldo, RS; doutorado em Filosofia pela Universidade Federal de Pelotas – UFPel, RS. É pesquisador associado da Faculdades EST. Contato: heliutopia@gmail.com

perceptions of faith. In this regard, the present article addresses the increasing doctrinal fragmentation and denominational dispersion within Brazilian evangelicalism, questioning the validity and very existence of a common theological core capable of sustaining the category “evangelical” as a cohesive and meaningful identity in the contemporary context. The central argument is developed through a dialectical theological reading, inspired by Karl Barth, which interprets the current politicization of faith—manifested in the rise of the “Evangelical Caucus” and the pursuit of a political project of power—as God’s “No” to this attempt to forge a “Christendom” by force. Conversely, the divine “Yes” is identified in acts of unconditional love and respect for differences, a perspective anchored in the vast genetic diversity of the Brazilian people as a hermeneutical key. It concludes that faith is a fundamentally individual experience and that the attempt to impose Christian principles as state policy represents a deviation from the true vocation of the Church, which is to be a reflection of Christ in society, rather than to construct a “society of Christ.”

Keywords: brazilian evangelicalism; doctrinal fragmentation; dialectical theology; diversity.

INTRODUÇÃO

O cenário religioso brasileiro tem sido palco de transformações profundas nas últimas décadas, com o crescimento exponencial do segmento evangélico sendo uma de suas características mais marcantes. Se em 1970 os evangélicos representavam apenas 5% da população, dados recentes indicam que ultrapassam os 26%, com projeções de que se tornem a maioria religiosa do país num futuro próximo.¹ Contudo, esse crescimento numérico não veio acompanhado de uma coesão interna. Pelo contrário, o que se observa é uma intensa fragmentação doutrinária e uma pulverização denominacional que desafiam qualquer tentativa de definir um “centro comum” para a identidade evangélica. A pergunta que se impõe é: ainda é possível falar em “evangélico” como uma categoria teológica significativa?

Neste artigo, propõe-se a traçar um panorama dessa diversidade interna e analisar seus efeitos na coesão doutrinária, eclesial e, crucialmente, na atuação pública dos evangélicos no Brasil. A ascensão da chamada “bancada evangélica” e a crescente associação de lideranças e igrejas com a política partidária, especialmente em suas vertentes mais conservadoras e radicais, tornaram essa questão ainda mais

¹ PAULO, Paula Paiva. Crescimento da população evangélica no Brasil. **G1**, 26 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2025/06/06/1-em-cada-4-brasileiros-e-evangelico-percentual-e-maior-entre-mais-jovens-mostra-ibge.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

urgente. Tal fenômeno levanta sérias questões sobre a natureza da fé cristã e seu papel na esfera pública, culminando em debates sobre a imposição de uma agenda moral específica – como a criminalização do aborto ou das drogas – sobre toda a sociedade, em detrimento do Estado laico.

Para delinear uma aproximação teológica a essa complexa realidade, recorre-se à teologia dialética, em especial à abordagem de Karl Barth. Utiliza-se a noção dialética de que a *época presente*, marcada por esses radicalismos e pela busca de poder político, vem marcada pela vontade e desejo religioso de poder, constituindo um sonoro “Não” de Deus à realidade buscada por esses grupos que desejam construir de baixo para cima uma cristandade tupiniquim. Em contrapartida, o “Sim” divino, a afirmação de sua graça e vontade, insinua-se transfigurado, não nas estruturas e jogos de poder, mas nas ações serenas e humildes *daqueles que ousam amar sem preconceito e sem condições*, conforme apontam os Evangelhos, a exemplo da figura disruptiva do samaritano na célebre parábola narrada por Lucas (Lucas 10.25-37).

59

Argumenta-se que a chave para compreender verdadeiramente o tempo presente, no Brasil, está em reconhecer a natureza intrinsecamente diversa da nação. Pesquisas genéticas recentes, que mapearam o DNA dos brasileiros, confirmam o Brasil como a nação mais diversa do mundo, um verdadeiro mosaico de ancestralidades. Esta diversidade não é um acidente, mas um reflexo da riqueza da criação. O “Sim” de Deus, portanto, está no amor e no respeito ao próximo em sua complexa e rica identidade, inclusive genética. A fé, como Kierkegaard insistiria, é um evento que ocorre no indivíduo, e somente o indivíduo, ao receber o Espírito de Deus, pode assumir os mandamentos divinos.² Esta é uma convicção que não pode ser imposta pela força do Estado. Não existe “Estado cristão” ou “pátria cristã”; o que existe são cristãos chamados a viver a verdade do Evangelho, sendo seu reflexo a presença de Cristo na sociedade, mas nunca a imposição de uma “sociedade de Cristo” sobre aqueles que não creem.

² KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. 6. ed. Porto: Livraria Tavares Martins, 1979. p. 201-211.

1 PANORAMA DA FRAGMENTAÇÃO EVANGÉLICA NO BRASIL

O evangelicalismo brasileiro, em sua trajetória de expansão, desenhou um mosaico complexo e multifacetado. Longe de ser um bloco monolítico, o movimento é caracterizado por uma profunda diversidade interna e uma contínua fragmentação doutrinária. A própria designação evangelical é estranha a determinados grupos do mundo protestante, a exemplo de grande parte de luteranos e episcopais anglicanos. Esta seção é dedicada a explorar as nuances dessa diversidade, desde a distinção entre os grupos históricos, pentecostais e neopentecostais, até a análise de sua crescente e controversa participação na arena política.

1.1 As Múltiplas Faces do Evangelicalismo: Históricos, Pentecostais, Neopentecostais e Desigrejados

A classificação mais comum do campo evangélico brasileiro o divide em três grandes vertentes: os evangélicos de missão (ou históricos), os pentecostais, os neopentecostais e os assim chamados grupos de desigrejados que vêm cada vez mais delineando as estatísticas sobre o crescimento protestante no Brasil.³ Essa divisão, embora útil para fins analíticos, não dá conta da totalidade da pulverização denominacional, pois “ao contrário da tradição católica, o protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou, e desde cedo revelou-se incapaz de conservar-se unido”,⁴ oferece, todavia, um ponto de partida para a compreensão das principais correntes teológicas e litúrgicas.

Os evangélicos históricos, herdeiros diretos da Reforma Protestante do século XVI, incluem denominações como as igrejas Batista, Presbiteriana, Metodista, Episcopal Anglicana e Luterana. São caracterizados por terem teologia racional,

³ BILHALVA, Alexandre Oliveira. **Os desigrejados**: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas. Dissertação. 114 f. (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9167/2/FINAL%20defendido.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p.11.

liturgia estruturada na tradição da igreja antiga e uma ênfase ponderada na autoridade da Bíblia como fundamento dos seus princípios e valores de fé. A maior parte destes grupos se configurou a partir do trabalho de especialistas nas Escrituras. Por isso, há uma valorização dos estudos científicos da Bíblia. Historicamente, eles mantiveram uma postura de maior distanciamento da política partidária, embora essa realidade venha se alterando nas últimas décadas.

Os pentecostais, por sua vez, surgiram no início do século XX e se distinguem pela ênfase nos dons do Espírito Santo, como a glossolalia (falar em línguas), a cura divina e a profecia. Segundo previsões do senso de 2022, a maior parte das maiores denominações protestantes são pentecostais e neopentecostais. A Assembleia de Deus é a maior, com 29,1% dos evangélicos, a Congregação Cristã no Brasil possui 5,4% do total, e a Igreja do Evangelho Quadrangular com 4,3%. Em números, esses são os maiores representantes desse segmento, que experimentou um crescimento vertiginoso ao longo do século passado, especialmente nas periferias dos grandes centros urbanos. De maneira geral, sua liturgia é marcada pela não linearidade do calendário dos eventos históricos da morte e ressurreição de Cristo, bem como pela busca de experiências emocionais intensas. Sobre os pentecostais, diz Silveira Campos, eles fizeram da liturgia “[...] uma fonte de alegria, desconpressão psicológica, lugar da música e da dança, um tempo destinado a recarregar a consciência de otimismo, esperanças e utopias, deixando-se para fora do templo as misérias do mundo”.⁵

Por fim, os neopentecostais, que emergiram a partir da segunda metade da década de 1970, representam a terceira etapa de um movimento histórico. Igrejas como a Universal do Reino de Deus, a Internacional da Graça de Deus e a Renascer em Cristo são seus principais expoentes. O neopentecostalismo se notabiliza pela forte presença na mídia, pela ênfase na teologia da prosperidade – que associa a fé à conquista de bens materiais – e por uma postura mais pragmática e agressiva na esfera pública, incluindo a política. A teologia da prosperidade, levada a cabo por estas igrejas, espalhou-se de modo poderoso pelas outras denominações nas duas últimas

⁵ SILVEIRA CAMPOS, Leonildo. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/download/P.2175-5841.2011v9n22p504/2909/10387>. Acesso em: 15 set. 2025.

décadas. Recentemente emergiu uma nova modalidade de liderança chamada *coach*, que busca unir o ideal do sujeito empreendedor de si mesmo como um tipo de especialista do “bem-estar que prega uma gestão de si e uma psicologia positiva voltada para o aperfeiçoamento pessoal”.⁶ Hoje, a teologia que prega a benção ao fiel sob o tilintar da moeda no fundo do gazofilácio, e que como consequência, sua alma alça voos de prosperidade financeira, está disseminada pelas igrejas, sejam elas históricas, sejam elas pentecostais ou neopentecostais, ou mesmo entre desigrejados.⁷

Essa fragmentação das igrejas protestantes, como apontam Brandão e Jorge,⁸ não é um fenômeno recente, mas uma característica intrínseca ao protestantismo desde suas origens. Assim como a igreja de Jesus surgiu sob uma produtiva pluralidade, nos primeiros séculos, as igrejas do protestantismo, após o período reformatório do século XVI, também se pluralizou. A livre interpretação da Bíblia, um dos pilares da Reforma, abriu espaço para uma contínua diversificação de doutrinas e práticas, resultando na miríade de denominações que observamos hoje. No Brasil, essa tendência foi potencializada por fatores sociais e culturais, como a busca por novas formas de pertencimento e a crise das instituições tradicionais em não conseguirem responder às novas condições sociais e culturais do período pós-escravidão (1888). Ao longo do século XX, o protestantismo, em suas inúmeras vertentes, procurou se fazer cada vez mais integrado à cultura brasileira e, por vezes, buscou se afirmar diante do predomínio do catolicismo. Sendo daí, a emergência de práticas de enfrentamento das igrejas, em especial as pentecostais e neopentecostais, às formas culturais do catolicismo, inclusive a formação de pautas políticas defendidas por uma frente parlamentar, designada como “Bancada

⁶ PIO, Guilherme Nonato. Evangelhos Neoliberais: as narrativas digitais dos pastores coaches. 22º CONGRESSO DE SOCIOLOGIA, USP, São Paulo, 15-18 de julho, 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BUIFVSZPXCi6XCi1MDcxXCJ9IiwiaCI6IjA2ZGM3ZTA0MmRmYjYzOTEwODVIMmFkN2lwOGVjMWM2In0%3D>. Acesso em: 15 set. 2025.

⁷ LEMOS, Carolyne Santos. Teologia da Prosperidade e sua expansão pelo mundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 11, n. 20, p. 80-96, jul/dez, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleto/article/download/35992/24781/99230>. Acesso em: 15 set. 2025.

⁸ BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudos Sociais**, p. 79-90, jul. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/46128>. Acesso em: 16 set. 2025.

Evangélica”,⁹ cujo objetivo vem sendo o de captar as motivações e interesses de setores protestantes em torno da defesa de interesses próprios destes grupos e de projetos de lei voltados à defesa de valores religiosos e não republicanos, como foi o caso da PEC 164/12.¹⁰

1.2 A Emergência da “Bancada Evangélica” e a “Politização da Fé” como sintoma da época

A crescente influência do evangelicalismo na sociedade brasileira encontrou sua expressão mais visível na formação da chamada “Frente Parlamentar Evangélica” no Congresso Nacional, popularmente conhecida como “Bancada Evangélica”. Composta por parlamentares de diferentes denominações e partidos, a bancada atua na defesa de uma agenda conservadora que busca barrar temas como aborto, direitos das mulheres, direitos da comunidade LGBTQI+ e legalização das drogas, entre outras pautas.¹¹ Sua atuação tem sido marcada por uma forte articulação política e pela capacidade de influenciar decisões importantes tanto no Legislativo quanto no Executivo.

63

A aproximação entre igrejas evangélicas e política partidária não é um fenômeno novo, mas se intensificou nas últimas décadas. Fatores como a baixa institucionalização partidária no Brasil e a fraca presença do Estado em diversas áreas abriram espaço para que as igrejas atuassem como mediadoras entre a população e o poder público.¹² A própria organização capilar das igrejas, especialmente as pentecostais e neopentecostais, facilita a mobilização de fiéis e a transmissão de

⁹ COSTA, Magnus Carlo de Oliveira. **A Frente Parlamentar Evangélica e Apoio à Vida (FPE): desafios para a teologia pública**. São Leopoldo, RS, 2015. Dissertação. 86 p. (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/601/1/costa_mco_tmp390.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

¹⁰ BRASIL. Câmara dos Deputados. **PEC 75/2019**. Proposta de Emenda à Constituição. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2229539>. Acesso em: 15 set. 2025.

¹¹ PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, 29(2), p. 187-213, 2017. p. 187. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>. Acesso em: 15 set. 2025.

¹² MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. **Em Tese**, v. 2, n. 2, p. 91-112, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13538>. Acesso em: 16 set. 2025.

informações políticas, transformando púlpitos em palanques e pastores em cabos eleitorais.

Já nas eleições de 2010, muito se falou sobre uma “mordança gay”¹³ que estaria sendo imposta aos evangélicos pelo PL 122, um projeto de lei que buscava criminalizar a homofobia. A eleição de Jair Bolsonaro em 2018 representou um marco nesse processo, com um alinhamento explícito entre o então candidato e importantes lideranças evangélicas. O apoio maciço de eleitores evangélicos foi fundamental para sua vitória, consolidando a imagem de um segmento coeso e politicamente alinhado à direita. No entanto, a ideia de um “voto evangélico” monolítico é uma simplificação. Pesquisas recentes mostram uma crescente diversidade política dentro do próprio campo evangélico, com o surgimento de movimentos progressistas e a eleição de candidatos de esquerda que se identificam com a fé evangélica.¹⁴ A suposta identidade evangélica em 2018 é um fenômeno multifacetado e de difícil redução epistêmica, uma vez que as razões para sua confluência ocorrem na presença de novos e inéditos sistemas de comunicação, como a internet e os aplicativos de mensagens privadas, e da crise enfrentada pelo chamado “campo progressista” desde 2016; porém, o certo é que houve um alinhamento institucional de grande parte das maiores denominações evangélicas do país à campanha do então candidato Bolsonaro. Além disso, as pesquisas estatísticas comprovam que dentre os evangélicos, Bolsonaro obteve a maioria dos votos em 2018. Jair Bolsonaro foi o primeiro presidente alinhado às correntes protestantes do pentecostalismo e do neopentecostalismo, ainda que se afirme como um católico,¹⁵ a chegar ao Palácio do Planalto pelo voto popular. Anteriormente, Café Filho e Ernesto Geisel,

¹³ APOLINARIO, Carlos. O Congresso deve aprovar o projeto de lei que criminaliza a homofobia? NÃO. **Folha de São Paulo**, Tendências/Debates, São Paulo, 04 dez. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0412201008.htm>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹⁴ VENCESLAU, Pedro. “PT vai ter mais evangélicos nas direções partidárias”, diz dirigente. **CNN Brasil**, 07 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹⁵ Católico ou evangélico? Qual a religião de Bolsonaro? **UOL**, São Paulo, 06 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/10/06/catolico-ou-evangelico-qual-a-religiao-de-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 set. 2025.

respectivamente um presbiteriano e um luterano, haviam chegado à Presidência da República por via indireta.¹⁶

Apesar dessa diversidade, a face pública do evangelicalismo brasileiro ainda é majoritariamente associada ao conservadorismo político e moral. A defesa de uma “pátria cristã” e a tentativa de impor uma agenda religiosa ao Estado laico geram tensões e conflitos, questionando a compatibilidade entre os valores democráticos e a atuação política de certos grupos religiosos.

2 O “SIM” E O “NÃO” DE DEUS: UMA LEITURA TEOLÓGICA DA CRISE

Diante do complexo e contraditório panorama do evangelicalismo brasileiro, a teologia dialética, especialmente como formulada por Karl Barth, oferece uma poderosa ferramenta de análise. A crise de identidade, a fragmentação doutrinária e a problemática politização da fé podem ser interpretadas não apenas como fenômenos históricos e sociológicos, mas como um drama teológico no qual o “Sim” e o “Não” de Deus se manifestam de forma contundente.

65

2.1 A Dialética do “Sim” e do “Não” em Karl Barth

Karl Barth, em sua monumental obra, especialmente em seu comentário à “Carta aos Romanos”, desenvolveu uma teologia que ficou conhecida como “teologia da crise” ou “teologia dialética”. Para Barth, a relação entre Deus e o ser humano é marcada por uma “infinita diferença qualitativa”.¹⁷ Deus é o “totalmente outro”, e qualquer tentativa humana de alcançá-lo por meio da religião, da moral ou da razão está fadada ao fracasso. A religião, para Barth, é a mais alta forma de incredulidade, a tentativa do ser humano de controlar e manipular Deus, de construir uma torre de Babel que alcance os céus.

¹⁶ DINIZ ALVES, José Eustáquio. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. **IHU**, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.

¹⁷ BARTH, Karl. **A carta aos Romanos (Segunda versão) 1922**. KOOL, Cornelius van der; TOLSTAJA, Katja (Eds.). São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2016. p. 43-55.

É nesse contexto que a dialética do “Sim” e do “Não” se torna central. O “Não” de Deus é o seu julgamento sobre toda a realidade humana, incluindo a religião, a buca humana por Deus, que se mostra revelação da ira divina contra o pecado, a lei que expõe a nossa transgressão e nos leva ao desespero, à consciência de nossa total incapacidade de nos salvarmos a nós mesmos. O “Não” é a crise, o colapso de nossas certezas e seguranças. No entanto, o “Não” de Deus não é a sua última palavra. Em meio à crise, no ponto mais profundo do desespero, ressoa o “Sim” de Deus. Este “Sim” é a sua graça incondicional, manifestada de forma definitiva em Jesus Cristo. É a justificação pela fé, o dom gratuito da salvação que não depende de nossos méritos, mas unicamente da soberania e do amor de Deus. A fé, nesse sentido, não é uma conquista humana, mas a resposta ao chamado *de Deus*, a aceitação humilde de sua graça.

Barth, semelhante a Kierkegaard, percebe a fé não como uma questão de doutrina ou de pertencimento a uma instituição, mas como um paradoxo que acontece na existência de cada pessoa. O exemplo máximo desse paradoxo é Abraão, o “cavaleiro da fé”, que se dispõe a sacrificar seu filho Isaac em obediência a uma ordem divina que suspende a ética e a razão, e que pela gratuidade divina sabe-se libertado de tal ofício, pois em nenhuma situação da existência humana há resignação sem paradoxo.¹⁸ Assim como Kierkegaard, Barth denuncia uma fé meramente cultural, ética, uma “cristandade” que se tornou uma formalidade social, desprovida de paixão e de compromisso individual, pior do que isso, uma cristandade que justifica a guerra, o ódio contra o diferente, dando aparência de racionalidade à morte da diversidade. A verdadeira fé, para ele, acontece no indivíduo, na relação singular e intransferível com o Absoluto. É uma decisão que envolve risco, angústia e a aceitação do paradoxo de que o Deus eterno se fez ser humano no tempo, em Jesus Cristo.

Barth argumenta que o tempo, que marca o ser humano, e a eternidade, que marca Deus, são absolutamente diferentes. O tempo é o instante pego num momento que tem em si sua própria dissolução, sua tentativa de perceber o contínuo, o eterno; o tempo ao *ser*, enquanto um é, já perdeu seu fluxo, e por isso, o que nos resta é a procura dinâmica entre o *Não* e o *Sim*; entre a crise, a inconstância, e a revelação, o

¹⁸ KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

assossego momentâneo da alma. Deus, enquanto fluxo, escapa ao ser humano; o ser humano, enquanto temporalidade, ao captar o não humano – o totalmente outro – pega-o num momentâneo, num congelado algo que borrado. Por isso, ao tentarmos falar de Deus em linguagem humana, acabamos por fazer uma imagem distorcida, um ídolo;¹⁹ então nos vemos pegos na paixão pelo “aspecto da forma”, isto é, pelo ídolo. Mas cuide, uma vez que o ídolo é sempre uma imagem, uma forma, um vulto, uma aparição que procede de nós mesmos, qualquer forma de pensamento – enquanto produção humana – também está sob o risco da idolatria. Daí ficar mais perceptível a orientação do deuteronomista para que não façamos imagem de qualquer coisa, tanto acima, do divino, quando abaixo, do humano, nem as reverenciemos, pois tanto num caso, quanto noutro, o que estamos apreciando não passa de um fenômeno, a bem dizer, um espectro, uma imagem, um vulto. A única imagem autorizada a nós, trata-se daquela encontrada na tangente entre o divino e o humano, transcendência encontrada na afirmação da vida de Jesus em suas implicações mais concretas, a nos revelar os Evangelhos em suas dramatizações de um filho que para ser Deus é, antes de tudo, um filho (Lucas 2.46-47); para ser um salvador é, antes e mais nada, um sofredor, que sofre a dor alheia, a humilhação, a perseguição (Marcos 15.22-23; Mateus 27.33-34), os dissabores laborais, a emigração, o exílio, a perda (Mateus 2.13-23), a tentação (Mateus 4.1-11), o abandono (Mateus 27.46), a traição (Mateus 26.1-5; 14-16), a privação e - como última constância fatal - a morte (Marcos 15.34-37); destino de todos aqueles que são vivos (Salmos 103.15-16). Jesus, assim, mergulha no completo destino humano, e toca a tangente da eternidade e do tempo ao ressuscitar, elevando consigo o gênero humano a um ponto de não retorno, a saber, a consciência de que toda a criação é obra de Deus, e que homens e mulheres, reunindo em si a generalidade da espécie, possuem a sua dignidade daquela imagem nunca estática, daquela atividade que nunca se deixa pegar, senão por um espelho distorcido, uma semelhança à imagem de Deus.

A fragmentação doutrinária, a busca por poder político, a instrumentalização da fé para fins ideológicos e a imposição de uma moralidade legalista são manifestações da “religião” no sentido barthiano: a tentativa humana de construir seu próprio caminho

¹⁹ BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**: ensaios teológicos de Karl Barth. 4. ed. revisada. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2018. p. 69-70.

para Deus, de usar o nome de Cristo para seus próprios projetos de poder, é sempre a retumbância do Não de Deus à religiosidade. A transformação de igrejas em currais eleitorais, a defesa de uma “pátria cristã” e a aliança com projetos políticos que promovem a exclusão e a violência são a antítese do Evangelho. É a negação da “infinita diferença qualitativa”, a tentativa de domesticar Deus e colocá-lo a serviço de interesses humanos. É a construção de uma nova Torre de Babel, que inevitavelmente atrai sobre si o juízo divino. Essa tentativa de unir sob a religião uma institucionalidade da igreja já foi experimentada na Idade Média e Moderna, e suas consequências foram o colonialismo e a tirania de uma missão que não é *de Deus*, mas dos seres humanos, e mesmo das instituições e do direito.

Onde, então, encontrar o “Sim” de Deus? Ele não está nos discursos inflamados dos púlpitos políticos, nem nas demonstrações de força da bancada evangélica, ou nos cursos de autoajuda. Isso a palavra de Deus nos garante, o seu “Sim”, como sempre o foi, aparece transfigurado, de forma humilde e muitas vezes invisível aos olhos do poder e da força. Ele se manifesta nas ações serenas e corajosas daqueles que, em nome de Cristo, ousam amar sem preconceitos e sem condições, que se colocam ao lado dos pobres, dos marginalizados e dos excluídos. É o “Sim” encarnado na parábola do bom samaritano (Lucas 10.25-37), que não pergunta sobre a religião ou a nacionalidade do homem caído à beira do caminho, mas simplesmente se compadece e cuida dele. É o “Sim” presente naqueles que compreendem que a fé não é uma arma para julgar e condenar, mas um dom para servir e amar.

68

3 O BRASIL COMO ESPELHO: A DIVERSIDADE COMO IMPERATIVO TEOLÓGICO

Uma compreensão adequada do tempo presente e da vocação da Igreja no Brasil exige um mergulho profundo naquilo que constitui a identidade mais fundamental da nação: sua incomparável diversidade. Longe de ser um mero detalhe sociológico, a diversidade brasileira, confirmada de forma espetacular por recentes pesquisas genéticas, se revela como um imperativo teológico, um espelho que reflete

a própria natureza da criação e desafia qualquer projeto de uniformidade religiosa ou cultural.

Em maio de 2025, a comunidade científica internacional voltou seus olhos para o Brasil com a publicação, na prestigiosa revista *Science*, dos resultados do projeto “DNA do Brasil”. Tratou-se do primeiro sequenciamento completo e em larga escala do genoma da população brasileira, analisando o DNA de 2.723 indivíduos de todas as regiões do país, incluindo comunidades urbanas, rurais, ribeirinhas e indígenas. Os resultados foram impressionantes e confirmaram o que a história e a cultura já sugeriam: o Brasil é a nação com a maior diversidade genética do mundo.²⁰

A pesquisa revelou um mosaico de ancestralidades, com a população brasileira sendo composta, em média, por 60% de herança europeia, 27% africana e 13% indígena. Mais do que isso, o estudo descobriu 8,7 milhões de variações genéticas que nunca haviam sido catalogadas em nenhuma outra população do planeta.²¹ Essas variações contam a história de 500 anos de encontros, desencontros e, muitas vezes, violência. O DNA brasileiro carrega as marcas da colonização, com a predominância de linhagens paternas europeias e linhagens maternas africanas e indígenas, um testemunho silencioso da violência sexual sofrida por mulheres escravizadas e nativas.²² O estudo também revelou a sobrevivência genética de povos indígenas exterminados, cujos genomas persistem em fragmentos no DNA dos brasileiros de hoje. Encontrou, ainda, combinações de genomas africanos que só se misturaram em solo brasileiro, unindo povos que na África estavam geograficamente distantes. O Brasil, portanto, não é apenas um país diverso; ele é a própria encarnação da miscigenação, um laboratório vivo da complexidade da história humana. O Brasil é o lugar em que a criação de Deus se reencontra consigo mesma, sua diversidade

²⁰ CASEMIRO, Poliana. Pesquisa analisa DNA do brasileiro e descobre que país tem a maior diversidade genética do mundo; veja na sua região. **G1**, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/05/15/pesquisa-analisa-dna-do-brasileiro-e-descobre-que-pais-tem-a-maior-diversidade-genetica-do-mundo-veja-na-sua-regiao.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

²¹ ESCOBAR, Herton. Estudo mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira. **Jornal da USP**, 26 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 16 set. 2025.

²² BIERNATH, André. Como a história do Brasil deixou marcas até no nosso DNA. **BBC Brasil**, 15 maio 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cev4jx0ydx9o>. Acesso em: 16 set. 2025.

expressa, no plano criatural, a perspectiva segundo a qual todos os seres humanos foram criados à imagem e semelhança de Deus.

3.1 Implicações Teológicas da Diversidade

O que essa profunda diversidade genética tem a dizer à teologia e à Igreja no Brasil? A resposta é: tudo. Se a teologia é “fé que busca compreender”,²³ ela não pode ignorar a realidade concreta na qual está inserida. A diversidade não é um problema a ser superado, mas um dado da criação a ser celebrado. O “Sim” de Deus, que se manifesta na graça, também se revela na multiplicidade de cores, culturas e histórias que compõem a humanidade. O Brasil, com sua riqueza genética, é um testemunho eloquente dessa verdade.

Uma igreja que realmente compreende o tempo presente é aquela que se reconhece como parte dessa diversidade e a abraça como vocação. Tentar impor um modelo único de fé, uma cultura hegemônica ou uma identidade cristã monolítica é remar contra a maré da própria história e, mais grave, contra a revelação de Deus na criação. O “Sim” de Deus para o Brasil está no amor e no respeito ao próximo em sua riqueza genética e cultural. Qualquer projeto que busque anular essa diversidade em nome de uma suposta “pureza” doutrinária ou moral se alinha, teologicamente, com o “Não” do juízo divino.

Nesse sentido, a fé cristã, como insistiria Kierkegaard, é uma experiência que acontece no indivíduo. É o encontro pessoal e intransferível com o Cristo que chama cada um em sua singularidade. Apenas o indivíduo, ao receber o Espírito de Deus, pode assumir livremente os mandamentos do Evangelho. A tentativa de impor esses mandamentos pela força do Estado, de transformar princípios da fé em políticas públicas que se aplicam a todos, crentes e não crentes, é uma distorção fundamental da natureza da fé. Não se pode legislar a conversão, nem decretar o Reino de Deus. A proibição do aborto ou das drogas, por exemplo, quando defendida como uma imposição da moral cristã sobre toda a sociedade, representa essa confusão entre a esfera da consciência individual e a esfera da lei civil. A pessoa alcançada pela

²³ BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**: Fides quaerens intellectum. São Paulo, SP: Novo Século, 2000.

gratuidade de Deus, esta sim, assume os mandamentos da vida, e os faz valer para si, sendo sua ressonância na sociedade seu fruto exemplar e eficaz (Gálatas 5.22-23).

Não existe “Estado cristão”, “pátria cristã” ou qualquer coisa do gênero. O que existe, e o que a sociedade tem o direito de esperar, são cristãos que vivem a verdade do Evangelho de forma autêntica e coerente. O impacto do cristianismo na sociedade não se dá pela tomada do poder, mas pelo testemunho. É a presença de Cristo refletida na vida dos cristãos – em sua ética, em sua compaixão, em seu serviço – que pode transformar a sociedade, mas nunca a imposição de uma “sociedade de Cristo” por meios políticos. A unidade do evangelicalismo só será efetiva caso, e apenas deste modo, saiba respeitar a diversidade que se expressa tanto biológica quanto culturalmente. A sociedade só muda à medida que indivíduos tenham a chance de mudarem a si mesmos, e não por decreto e força da lei, como se deu no falido sistema de cristandade.

71

CONCLUSÃO

A trajetória do evangelicalismo brasileiro, marcada por um crescimento impressionante e uma fragmentação igualmente notável, nos coloca diante de um questionamento fundamental: ainda existe um centro comum, uma identidade teológica que o unifique? Nossa consideração aqui, desenvolvida à luz da teologia dialética, sugere que a busca por um centro monolítico pode ser, em si, uma empreita equivocada. A crise atual, manifestada na politização radical e na pulverização doutrinária, pode ser interpretada como um “Não” de Deus à tentativa humana de construir um reino próprio, de instrumentalizar a fé para projetos de poder que negam a essência do Evangelho.

Em contrapartida, ousar arriscar, sob todos os riscos que nisso existe, que o “Sim” da graça divina ressoe de forma discreta, mas persistente, não nas estruturas de poder, mas na prática do amor incondicional, no serviço ao próximo e no respeito à dignidade de cada indivíduo. A parábola do bom samaritano continua sendo o paradigma de uma fé que transcende barreiras religiosas e culturais para se fazer presente na necessidade do outro. Isso pode, a princípio, soar por óbvio demais; no

entanto, o que ressoa no fundo desse raciocínio é nada mais do que a antiga e sempre válida questão levantada por Jesus: quem é meu irmão? (Mateus 12.50; Marcos 3.35). É a persistente e incômoda questão que não se atém à liturgia ou à doutrina, mas a de saber *onde está meu irmão* (Gn 4.9-10).

Nesse sentido, a profunda diversidade genética e cultural do Brasil não é um obstáculo, mas uma chave hermenêutica. Ela nos ensina que o respeito às diferenças é um imperativo teológico. O “Sim” de Deus para a nação brasileira se revela na celebração de sua multiplicidade. Uma igreja que se fecha em guetos identitários e busca impor sua visão de mundo pela força da lei se afasta de sua vocação profética e se torna apenas mais um grupo de interesse na arena política.

Em última análise, a questão da identidade evangélica não se resolve com a imposição de uma nova ortodoxia, mas com o retorno à radicalidade do Evangelho. A fé, como um evento que acontece no indivíduo, não pode ser legislada nem instrumentalizada. O chamado para os cristãos não é construir uma “sociedade de Cristo”, mas ser o reflexo de Cristo na sociedade, testemunhando o amor, a justiça e a misericórdia do Reino de Deus. A verdadeira relevância do evangelicalismo brasileiro não será medida por seu poder político, mas por sua capacidade de encarnar o “Sim” de Deus em um mundo que anseia por graça e reconciliação. Como bem lembrou Barth, em sua crítica aos socialistas religiosos na conferência de Tambach, na Alemanha, em 1919, “o cristão é o Cristo. O cristão é aquilo em nós que não somos nós, mas Cristo em nós”.²⁴ Esse é o efeito que toda a sociedade “geme e está juntamente com dores de parto até agora”, aguardando a manifestação dos justificados em graça, a que em graça, também justifiquem.

72

REFERÊNCIAS

APOLINARIO, Carlos. O Congresso deve aprovar o projeto de lei que criminaliza a homofobia? NÃO. **Folha de São Paulo**, Tendências/Debates, São Paulo, 04 dez. 2010. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaofz0412201008.htm>. Acesso em: 16 set. 2025.

²⁴ BARTH, 2018, p. 19.

BARTH, Karl. **A carta aos Romanos (Segunda versão) 1922**. KOOL, Cornelius van der; TOLSTAJA, Katja (Eds.). São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2016. p. 43-55.

BARTH, Karl. **Dádiva e louvor**: ensaios teológicos de Karl Barth. 4. ed. revisada. São Leopoldo, RS: Sinodal, Faculdades EST, 2018. p. 69-70.

BARTH, Karl. **Fé em busca de compreensão**: Fides quaerens intellectum. São Paulo, SP: Novo Século, 2000.

BIERNATH, André. Como a história do Brasil deixou marcas até no nosso DNA. **BBC Brasil**, 15 maio 2025. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/cev4jx0ydx9o>. Acesso em: 16 set. 2025.

BILHALVA, Alexandre Oliveira. **Os desigrejados**: estudo sobre o fenômeno da desinstitucionalização contemporânea nas igrejas evangélicas. Dissertação. 114 f. (Mestrado em Teologia) - Programa de Pós-graduação em Educação, Faculdade de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/9167/2/FINAL%20defendido.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

BRANDÃO, André Augusto Pereira; JORGE, Amanda Lacerda. A recente fragmentação do campo religioso no Brasil: em busca de explicações. **Revista de Estudos Sociais**, p. 79-90, jul. 2019. Disponível em: <https://journals.openedition.org/revestudsoc/46128>. Acesso em: 16 set. 2025.

BRASIL. Câmara dos Deputados. **PEC 75/2019**. Proposta de Emenda à Constituição. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2229539>. Acesso em: 15 set. 2025.

CASEMIRO, Poliana. Pesquisa analisa DNA do brasileiro e descobre que país tem a maior diversidade genética do mundo; veja na sua região. **G1**, 15 abr. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2025/05/15/pesquisa-analisa-dna-do-brasileiro-e-descobre-que-pais-tem-a-maior-diversidade-genetica-do-mundo-veja-na-sua-regiao.ghtml>. Acesso em: 16 set. 2025.

Católico ou evangélico? Qual a religião de Bolsonaro? **UOL**, São Paulo, 06 nov. 2022. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2022/10/06/catolico-ou-evangelico-qual-a-religiao-de-bolsonaro.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 16 set. 2025.

COSTA, Magnus Carlo de Oliveira. **A Frente Parlamentar Evangélica e Apoio à Vida (FPE)**: desafios para a teologia pública. São Leopoldo, RS, 2015. Dissertação. 86 p. (Mestrado Profissional) - Faculdades EST, Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2015. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/601/1/costa_mco_tmp390.pdf. Acesso em: 15 set. 2025.

DINIZ ALVES, José Eustáquio. O voto evangélico garantiu a eleição de Jair Bolsonaro. **IHU**, 01 nov. 2018. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-veneslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.

ESCOBAR, Herton. Estudo mapeia impactos da miscigenação no DNA e na saúde da população brasileira. **Jornal da USP**, 26 abr. 2025. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/estudo-mapeia-impactos-da-miscigenacao-no-dna-e-na-saude-da-populacao-brasileira/>. Acesso em: 16 set. 2025.

KIERKEGAARD, Sören. **O desespero humano**. 6. ed. Porto: Livraria tavares Martins, 1979. p. 201-211.

KIERKEGAARD, Søren. **Temor e tremor**. Lisboa: Guimarães Editores, 1990.

LEMOES, Carolyne Santos. Teologia da Prosperidade e sua expansão pelo mundo. **Revista Eletrônica Espaço Teológico**, v. 11, n. 20, p. 80-96, jul/dez, 2017. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleteo/article/download/35992/24781/99230>. Acesso em: 15 set. 2025.

MAIA, Eduardo Lopes Cabral. Os evangélicos e a política. **Em Tese**, v. 2, n. 2, p. 91-112, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/13538>. Acesso em: 16 set. 2025.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa; VELASQUES FILHO, Prócoro. **Introdução ao Protestantismo no Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. p.11.

PAULO, Paula Paiva. Crescimento da população evangélica no Brasil. **G1**, 26 jun. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/censo/noticia/2025/06/06/1-em-cada-4-brasileiros-e-evangelico-percentual-e-maior-entre-mais-jovens-mostra-ibge.ghtml> . Acesso em: 16 set. 2025.

PIO, Guilherme Nonato. Evangelhos Neoliberais: as narrativas digitais dos pastores coaches. 22º CONGRESSO DE SOCIOLOGIA, USP, São Paulo, 15-18 de julho, 2025. Disponível em: <https://www.sbs2025.sbsociologia.com.br/arquivo/downloadpublic?q=eyJwYXJhbXMiOiJ7XCJJRF9BUIFVSVZPXCi6XCI1MDcxXCJ9IiwiaCI6IjA2ZGM3ZTA0MmRmYjYzOTEwODVIMmFkN2lwOGVjMWM2In0%3D>. Acesso em: 15 set. 2025.

PRANDI, Reginaldo; SANTOS, Renan William dos. dos. Quem tem medo da bancada evangélica? Posições sobre moralidade e política no eleitorado brasileiro, no Congresso Nacional e na Frente Parlamentar Evangélica. **Tempo Social**, 29(2), p. 187-213, 2017. p. 187. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2017.110052>. Acesso em: 15 set. 2025.

SILVEIRA CAMPOS, Leonildo. Pentecostalismo e Protestantismo “Histórico” no Brasil: um século de conflitos, assimilação e mudanças. **Horizonte**, Belo Horizonte, v. 9, n. 22, p.504-533, jul./set. 2011. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/horizonte/article/download/P.2175-5841.2011v9n22p504/2909/10387>. Acesso em: 15 set. 2025.

VENCESLAU, Pedro. “PT vai ter mais evangélicos nas direções partidárias”, diz dirigente. **CNN Brasil**, 07 abr. 2025. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/pedro-venceslau/politica/pt-vai-ter-mais-evangelicos-nas-direcoes-partidarias-diz-dirigente/>. Acesso em: 16 set. 2025.



PASTORAL

 PASTORAL

FAMÍLIA: UM PROJETO DE DEUS

Raimundo Vieira Nobre Filho*

RESUMO

Este artigo tem como objetivo refletir sobre a família como projeto de Deus, a partir de uma perspectiva pastoral, bíblica e teológica. Fundamenta-se na experiência de 13 anos de atuação no ministério de famílias, bem como em diálogos com Nietzsche e Karl Barth, que oferecem visões contrastantes sobre a instituição familiar. Nietzsche critica a família tradicional como prolongamento da moral do rebanho, reconhecendo nela valor apenas quando se torna espaço criativo. Já Karl Barth compreende a família como instituição querida por Deus, fundada no pacto da criação e integrada à missão cristã. À luz dessas perspectivas e da experiência pastoral, o texto apresenta a importância do perdão, da comunicação, da espiritualidade conjugal e do compromisso mútuo para a preservação da vida familiar. Por fim, reafirma que a família, em sua essência bíblica, é um projeto divino fundamental para a vida, a sociedade e a fé cristã.

77

Palavras-chave: família; teologia cristã; casamento; Nietzsche; Karl Barth.

ABSTRACT

This article aims to reflect on the family as a project of God, from a pastoral, biblical, and theological perspective. It is based on 13 years of experience in family ministry, as well as on dialogues with Nietzsche and Karl Barth, who offer contrasting views on the family institution. Nietzsche criticizes the traditional family as an extension of herd morality, recognizing its value only when it becomes a creative space. Karl Barth, on the other hand, understands the family as an institution willed by God, founded on the covenant of creation and integrated into the Christian mission. In light of these perspectives and pastoral experience, the text highlights the importance of forgiveness, communication, conjugal spirituality, and mutual commitment for the preservation of family life. Finally, it reaffirms that the family, in its biblical essence, is a divine project essential for life, society, and Christian faith.

Keywords: family; christian theology; marriage; Nietzsche; Karl Barth.

* Gestor, palestrante e auxiliar no Ministério da Igreja Assembleia de Deus Central em Londrina/PR. Discente do curso de bacharelado em Teologia – UniFil.

INTRODUÇÃO

Família é um projeto de Deus. Esta convicção me acompanha ao longo dos 13 anos em que tenho servido no ministério de famílias de nossa igreja. Nesse tempo, pude compreender, por meio da prática e da vivência pessoal, que a família é um dos pilares fundamentais da vida humana, lugar de cuidado, formação e desenvolvimento.

A família, entendida a partir do modelo bíblico, é conservadora em sua essência e atravessa culturas, épocas e transformações sociais. Contudo, filósofos e teólogos trouxeram contribuições diversas sobre essa instituição. Nietzsche (2005) a criticou como prolongamento da moral do rebanho, enquanto Barth (2004) a afirmou como pacto da criação. Entre esses extremos, a prática pastoral e a reflexão bíblica apontam a família como espaço necessário para a sobrevivência espiritual, emocional e social.

SEGUNDO A TRADIÇÃO

1 A família no debate filosófico e teológico

78

Nietzsche, em sua crítica à moral tradicional, via a família como uma extensão das convenções sociais, marcada pela obediência cega e pela repetição de valores herdados. Para ele, a família só teria valor quando se tornasse espaço criativo, capaz de afirmar a vida e a liberdade (Nietzsche, 2005).

Em contraste, Karl Barth (2004) afirmou a família como instituição querida por Deus, fundada no casamento e destinada a refletir a fidelidade divina. Para ele, a comunhão familiar, a educação dos filhos e o cuidado mútuo não podem ser dissociados da vida da igreja e da missão cristã.

Essas duas visões revelam tensões: de um lado, a crítica à estrutura tradicional; de outro, a defesa teológica da família como dom divino.

2 Fundamentos bíblicos da família

A Escritura apresenta a família como instituição estabelecida por Deus na criação: “Portanto, deixará o homem o seu pai e a sua mãe, e unir-se-á à sua mulher,

e serão ambos uma só carne” (Gn 2:24). O Novo Testamento reafirma essa união, destacando o amor sacrificial como base do relacionamento conjugal (Ef 5:25).

A Bíblia aponta ainda o papel educativo da família: “Ensina a criança no caminho em que deve andar” (Pv 22:6). Assim, a família é vista não apenas como espaço privado, mas como célula vital para a formação espiritual e social.

3 Experiência pastoral e desafios contemporâneos

Minha experiência pessoal reforça a centralidade da família. Casei-me aos 21 anos, enfrentei crises conjugais que quase resultaram em separação e, pela graça de Deus, vivi a restauração do meu lar.

Em 13 anos de ministério, percebi que muitas separações ocorrem por motivos fúteis, como “incompatibilidade de gênios” ou “desgaste da relação”. Na maioria dos casos, esses problemas se revelam como falta de comunicação, egoísmo e ausência de vida espiritual compartilhada.

O fenômeno recente do “divórcio cinza”, em que casais de décadas se separam após a saída dos filhos de casa, revela a influência da cultura individualista. A falta de projetos comuns e a busca pela felicidade pessoal corroem vínculos outrora sólidos.

79

4 Caminhos de restauração

O fortalecimento da família passa por alguns pilares:

- **Perdão:** disposição para recomeçar mesmo após falhas.
- **Empatia:** olhar para o cônjuge com compreensão e respeito.
- **Comunicação:** diálogo franco que evita ressentimentos.
- **Afetividade:** carinho expresso em palavras, gestos e vida sexual saudável.
- **Espiritualidade conjugal:** Cristo como referência de amor sacrificial.

Esses elementos, quando vividos, transformam crises em oportunidades de amadurecimento e fazem da família um espaço de graça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após anos de acompanhamento pastoral, reafirmo a convicção de que a família é um projeto de Deus. É nela que a vida encontra cuidado, formação e transmissão de valores.

Embora o mundo contemporâneo relativize a família, defendendo arranjos diversos, é inegável que a ausência de vínculos sólidos deixa marcas profundas, seja pela ausência do pai, seja pelo abandono materno. A ciência, inclusive, reconhece que ambientes familiares saudáveis geram indivíduos e comunidades mais equilibradas.

Portanto, lutar pela família é lutar pela vida, pela fé e pela sociedade. Família continua sendo, acima de tudo, um projeto de Deus.

REFERÊNCIAS

BARTH, Karl. *A Doutrina da Criação*. Dogmática Eclesiástica III/4. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAGRADA BÍBLIA. Almeida Revista e Atualizada. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

WRIGHT, N. T. *Cristianismo e Família*. São Paulo: Vida Nova, 2018.

A photograph of a library aisle with tall bookshelves, overlaid with a large white arrow pointing right and the text 'EM FOCO'.

EM FOCO

 EM FOCO

DO CORAÇÃO DE PEDRA AO LIVRO DA VIDA. A BUSCA PELA VERDADE NO JULGAMENTO: UMA ANÁLISE ENTRE A VERDADE REAL NO DIREITO, O JULGAMENTO EGÍPCIO E A VERDADE (𐎎𐎎𐎕, êmet) ABSOLUTA DO DEUS DE ABRAÃO, ISAQUE E JACÓ

Fabiane Pelegrine Mambrum*

Emerson C. Mildenberg**

RESUMO

Este artigo investiga a busca pela verdade no ato de julgar: desde os limites do juiz humano no Direito, passando pelo tribunal de Osíris no Egito, até o juízo perfeito de Deus no Apocalipse. No Direito, distingue-se entre verdade real e verdade formal, destacando-se os limites constitucionais e processuais da atividade jurisdicional. Na religião egípcia, o Livro dos Mortos descrevia a pesagem do coração na balança de Maat, a deusa da Justiça, em que o justo era absolvido quando seu coração era mais leve que a pena. Para evitar a condenação, utilizava-se o *feitiço do coração*, inscrito em escaravelhos de pedra amarrados ao peito do morto, numa tentativa de silenciar a culpa. A Bíblia, porém, revela o Deus da Verdade (*El Emet*), manifestado em Cristo, aquele que esquadrinha os corações e traz à luz o que está oculto, transformando o coração de pedra em coração de carne (Ez 11:19; 36:26) e removendo o peso do pecado. O estudo contrapõe o Livro dos Mortos ao Livro da Vida (Ap 20:12), mostrando que, enquanto o Egito buscava manipular o julgamento, a revelação bíblica proclama a verdade completa em Cristo, o Alfa e o Ômega (Ap 22:13).

82

Palavras-chave: coração; palavra; Deus; bíblia; hebraico; ciência e fé.

ABSTRACT

This article investigates the pursuit of truth in the act of judgment: from the limits of the human judge in Law, through the tribunal of Osiris in Egypt, to the perfect judgment of God in the Book of Revelation. In Law, a distinction is made between substantive truth and formal truth, highlighting the constitutional and procedural limits of judicial activity. In Egyptian religion, the Book of the Dead described the weighing of the heart on the scales of Maat, the goddess of Justice, where the righteous were acquitted when their heart was lighter than the feather. To avoid condemnation, the *heart spell* was employed, inscribed on stone scarabs tied to the chest of the deceased, in an attempt to silence guilt. The Bible, however, reveals the God of Truth (*El Emet*), manifested in

* Aluna do Curso de Bacharelado em Teologia – UniFil. Bacharel em Direito pela PUCRS. Especialista em Direito e Processo do Trabalho. Juíza Leiga no TJRS.

** Coordenador da Faculdade de Teologia – UniFil

Christ, the one who searches hearts and brings to light what is hidden, transforming the heart of stone into a heart of flesh (Ezek 11:19; 36:26) and removing the weight of sin. The study contrasts the Book of the Dead with the Book of Life (Rev 20:12), showing that while Egypt sought to manipulate judgment, biblical revelation proclaims complete truth in Christ, the Alpha and the Omega (Rev 22:13).

Keywords: heart; word; God; bible, hebrew; science and faith.

INTRODUÇÃO

Julgar é buscar a verdade. Seja no tribunal humano, diante de juízes limitados pelas normas jurídicas; seja nos tribunais simbólicos das religiões antigas; seja, por fim, no juízo divino revelado na Escritura Cristã. A questão central permanece: como se alcança a verdade em um julgamento? A verdade real é possível ou é apenas uma utopia?

No Direito, fala-se em verdade real e verdade formal, categorias que expressam o esforço humano na busca pela justiça e segurança jurídica.

No Egito antigo, o *Livro dos Mortos* descrevia a balança de Maat, a Deus da Justiça, na qual o coração do falecido era pesado diante da pena da justiça.

Já a Bíblia Cristã revela que o Deus de Abraão, Isaque e Jacó é o Deus da Verdade (El Emet אֱלֹהֵי אֱמֶת): Aquele que não se deixa enganar, que sonda os corações e promete transformá-los.

Assim, o contraste entre o coração pesado pela culpa e o coração leve pela redenção ilumina tanto a reflexão jurídica quanto a espiritual, apontando desde as tentativas humanas de manipular provas até a justiça perfeita de Deus, na qual não há injustiças.

1 VERDADE REAL E VERDADE FORMAL NO PROCESSO

Tradicionalmente, a teoria geral do direito distingue entre a verdade formal e a verdade real. No processo civil, em questões relativas a direitos disponíveis, vigora a primeira, vinculada ao princípio dispositivo: o juiz decide com base no conjunto probatório do feito, observando-se o ônus probatório de cada litigante. Já no processo

penal, consagra-se a busca pela verdade real, autorizando o magistrado a determinar diligências de ofício, conforme preconiza o artigo 156 do Código de Processo Penal.

Contudo, a ideia de verdade absoluta é inalcançável. A ideia de verdade formal é hoje absolutamente inconsistente e a verdade real sobre determinado fato histórico não passa de uma utopia no processo, de modo que o resultado a que chega o magistrado nunca ultrapassa um juízo de verossimilhança (Marinoni; Arenhart, 2011, apud Machado, p. 6).²⁵

Por isso, a doutrina contemporânea propõe superar a dicotomia entre “verdade formal” e “verdade real”, substituindo-a por uma concepção de verdade processualmente válida, construída no contraditório e fundada na probabilidade das provas (Hartmann, 2014, p. 301-302, apud Machado, p. 5)²⁶.

O fato é que esse entendimento tem como objetivo evitar que transformemos a verdade em um mito legitimador de excessos. Conforme a análise de Massini (2020)²⁷, a chamada “verdade real” deve ser entendida como um mito processual: uma crença de que seria possível ao juiz reconstruir integralmente os fatos do passado. Essa concepção, ao invés de fortalecer as garantias democráticas, poderia legitimar práticas de viés inquisitório, permitindo inclusive o aproveitamento de provas ilícitas sob o pretexto de alcançar a verdade material. Ou seja, a verdade absoluta é ilusória.

84

2 A VERDADE E A PROVA ILÍCITA: LIMITES E MITIGAÇÃO

A busca pela verdade real encontra limites constitucionais, especialmente na vedação de provas ilícitas (art. 5º, LVI, CF/88). Como ensina Gomes Filho, *“de nada valeriam tais restrições à admissibilidade da prova se, por via derivada, informações colhidas a partir de uma violação ao ordenamento pudessem servir ao convencimento*

²⁵ MACHADO, Vitor Gonçalves. *A superação da dicotomia “verdade formal” vs. “verdade real” no moderno direito processual*. Publica Direito. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=58a7e42277b10f61>. Acesso em: 22 set. 2025.

²⁶ MACHADO, Vitor Gonçalves. *A superação da dicotomia “verdade formal” vs. “verdade real” no moderno direito processual*. Publica Direito. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=58a7e42277b10f61>. Acesso em: 22 set. 2025.

²⁷ MASSINI, Isadora Rocha. *O mito da verdade real como legitimador da inquisitorialidade no contexto de produção de provas ilícitas*. 2020. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/13920>. Acesso em: 22 set. 2025.

do juiz; nessa matéria importa ressaltar o elemento profilático, evitando-se condutas atentatórias aos direitos fundamentais e à própria administração correta e leal da justiça penal.” (Gomes Filho, 2011, p. 14, *apud* Massini, 2020, p. 16 e 17)²⁸.

O STF tem posição firme contra o uso de provas ilícitas e, de modo geral, adota a teoria norte-americana dos frutos da árvore envenenada (*fruit of the poisonous tree*). Isso significa que, quando a prova inicial é ilícita, todas as que dela derivam também ficam comprometidas e devem ser desentranhadas ou afastadas do processo. Essa regra está expressa no artigo 157 do CPP. No entanto, há exceções previstas em lei, como nos casos de fonte independente (§ 1º) e descoberta inevitável (§ 2º), que funcionam como limites à exclusão automática, permitindo a utilização da prova derivada em situações específicas. Assim, “a verdade processual é sempre uma construção ética e jurídica, limitada pelas normas do Estado Democrático de Direito, as quais formam uma barreira que prejudica a integral reconstituição dos fatos”. (Tourinho Filho, 2005, p. 226, *apud* Machado, p. 10).²⁹

Logo, podemos concluir que a busca da verdade no julgamento humano deve respeitar não apenas a finalidade de punir ou reparar, mas também os direitos e garantias fundamentais, não possuindo, dessa forma, um caráter epistemológico absoluto. Isso porque, conforme já mencionamos, o conhecimento no processo é sempre limitado, mediado por provas, pelas regras do procedimento e pelas garantias constitucionais.

85

3 MITOLOGIA EGÍPCIA: O JULGAMENTO DO CORAÇÃO, SEGUNDO O LIVRO DOS MORTOS

Na mitologia egípcia, a morte não representava o fim da existência, mas o início de uma jornada no além. Esse conhecimento chega até nós através de uma série de textos funerários, conhecido de forma popular como o Livro dos Mortos.

²⁸ MASSINI, Isadora Rocha. *O mito da verdade real como legitimador da inquisitorialidade no contexto de produção de provas ilícitas*. 2020. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/13920>. Acesso em: 22 set. 2025.

²⁹ MACHADO, Vitor Gonçalves. *A superação da dicotomia “verdade formal” vs. “verdade real” no moderno direito processual*. Publica Direito. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=58a7e42277b10f61>. Acesso em: 22 set. 2025.

O *Livro dos Mortos*, na verdade, não é uma obra única, mas uma coleção de fórmulas, hinos, encantamentos e feitiços destinados a orientar e proteger o morto em sua jornada no além. Essas fórmulas eram inscritas em papiros, tumbas, sarcófagos ou tecidos, e variavam conforme a época e a pessoa que os encomenda. Como explica Hornung (1999, p. 13)³⁰:

O Livro dos Mortos é a designação de um grupo de feitiços mortuários, escritos principalmente em papiro, do Novo Império, do Terceiro Período Intermediário e do Período Tardio. Nas versões posteriores dos Textos dos Caixões, alguns feitiços já assumem a forma dos feitiços correspondentes no Livro dos Mortos do Novo Império. Exemplos antigos de feitiços do Livro dos Mortos são encontrados em panos de múmia e caixões do início do Novo Império e, um pouco mais tarde, aparecem em papiros e nas paredes de certas câmaras tumulares. Exemplos mais antigos, antes atribuídos ao Médio Império (os caixões de Mentuhotep e Herunefer e um papiro hoje em Bruxelas), são agora datados da Dinastia 17. A coletânea circulou por todo o Egito, embora Tebas fosse um centro especialmente importante. Os feitiços do Livro dos Mortos começaram a ser usados de forma mais comum por oficiais já a partir do reinado de Tutemés III. A produção de Livros dos Mortos foi brevemente interrompida pelo Período de Amarna, embora vários feitiços apareçam novamente nos santuários dourados de Tutancâmon e em outros objetos de sua tumba, enquanto muitos manuscritos importantes provêm do período de transição para a era raméssida. O Livro dos Mortos começou a aparecer nas paredes das tumbas reais no reinado de Merneptá, começando com o feitiço 125, que trata do Julgamento dos Mortos; embora tenha sido complementado por outros textos nas tumbas reais da 20ª Dinastia, o feitiço, contudo, permaneceu sendo o mais importante. (HORNUNG, 1999, p. 13, tradução nossa).

Segundo o vídeo “O que diz o Livro dos Mortos? (Ponto a ponto)” do canal Estranha História (11:00), na mitologia egípcia, o coração era considerado o centro da memória e da experiência do indivíduo — ou seja, não apenas um órgão vital físico, mas também o local simbólico onde residiam a memória e a consciência do falecido. Ou seja, o coração seria julgado e poderia testemunhar contra o próprio morto.)³¹.

No *Livro dos Mortos* egípcio, a cena central do além-túmulo é a chamada Psicostasia, ou pesagem da alma. O coração compreendido como a sede da memória e moralidade do indivíduo, era depositado na balança de Maat, em contraposição à pena da deusa da verdade e da justiça. Um coração puro, leve, permitia ao falecido

³⁰ HORNUNG, Erik. *The Ancient Egyptian Books of the Afterlife*. Translated by David Lorton. Ithaca; London: Cornell University Press, 1999.

³¹ ESTRANHA HISTÓRIA. *O que diz o Livro dos Mortos? (Ponto a ponto)*. YouTube, 22 de janeiro de 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MfHFtWLnqeU&list=PLmD7W3ZjqnW4TWc6PXZUxXqGaHq21soN&index=7>. Acesso em: 22 set. 2025.

ser absolvido; já um coração pesado, carregado de faltas, implicava a condenação.

Entretanto, a tradição egípcia também conhecia recursos para neutralizar a palavra do coração, temido por sua função testemunhal diante dos deuses. É nesse contexto que surgem os escaravelhos de pedra (escapulários), amuletos gravados com feitiços, amarrados sobre o peito do morto. Esses objetos tinham a finalidade de “silenciar” o coração, impedindo que ele denunciasse culpas ocultas. Aqui, percebe-se a tentativa de manipular a verdade no julgamento da alma, um esforço do ser humano em intervir no processo divino para alterar o resultado da pesagem. Os escaravelhos de pedra, inscritos com fórmulas mágicas, funcionavam como uma espécie de “defesa artificial”, impedindo que o coração revelasse aquilo que de fato havia sido vivido. Para os egípcios, se o amuleto fosse corretamente inscrito e colocado, o coração se calaria e o morto poderia ser justificado por Osíris.

Se olharmos pelo prisma jurídico, o uso do escaravelho de pedra era uma tentativa de “interferir na prova” — calando uma testemunha interna (o coração) que poderia falar contra o morto. Isso significa que, naquele julgamento simbólico, a verdade real jamais seria atingida, porque a fonte mais autêntica de prova (o coração) foi silenciada.

87

Fica muito parecido com a discussão no processo penal: a verdade real é buscada pelo juiz, mas não pode ser alcançada a qualquer custo. Se alguém manipula provas, elimina evidências ou silencia testemunhas, a reconstrução fiel dos fatos fica comprometida. Mesmo que o resultado aparente seja favorável — seja o morto “aprovado” na balança ou o réu absolvido —, a verdade em si permanece distorcida. No fundo, o que os egípcios buscavam era proteção: não ludibriar a divindade, mas impedir que a própria consciência se voltasse contra eles. Só que, nesse processo, o juízo já não poderia alcançar a totalidade da verdade.

4 O CORAÇÃO DE PEDRA E O CORAÇÃO DE CARNE, SEGUNDO A BÍBLIA CRISTÃ

Quando Israel deixou o Egito, o *Livro dos Mortos* já circulava como tradição funerária, especialmente a partir do Novo Império. Suas imagens — como a pesagem do coração na balança de Maat e o uso do escaravelho de pedra sobre o peito — já

faziam parte do universo religioso egípcio. Isso mostra que os israelitas estiveram expostos a uma cultura em que o julgamento pós-morte era algo fundamental, sustentado por ritos mágicos e pela tentativa de manipular a verdade diante das divindades.

É nesse cenário que a mensagem bíblica se apresenta como resposta crítica. Enquanto os egípcios depositavam sua esperança em recursos externos — fórmulas, encantamentos e amuletos para silenciar o coração — o Deus de Israel promete uma transformação interior: “tirarei de vós o coração de pedra e vos darei um coração de carne” (Ez 11:19; 36:26). Não se trata de esconder culpas, mas de renovar o íntimo, estabelecendo uma justiça que não depende de artifícios humanos, mas da ação direta do Senhor.

O contraste é evidente: no Egito, tentava-se enganar a balança; na Bíblia, Deus muda o coração. Lá havia manipulação da verdade; aqui, a verdade gera vida nova, pois é o próprio Deus quem “sonda os corações e prova os pensamentos” (Jr 17:10).

Ainda, em Jeremias 31:33 é dito que: *“Porei a minha lei no íntimo deles e a*

88

escreverei em seus corações; eu serei o seu Deus, e eles serão o meu povo.” Aqui a revelação bíblica dá um passo além: não apenas Deus transforma o coração de pedra em carne (Ez 11:19; 36:26), mas também grava nele a sua própria lei. Diferente do Egito, que dependia de papiros e fórmulas mágicas para garantir o destino no além, a Bíblia mostra um Deus que inscreve sua verdade no interior do ser humano, fazendo da própria consciência o lugar onde sua vontade é conhecida e vivida.

Assim, não é mais o coração que precisa ser calado por um escaravelho de pedra, mas o coração que se torna morada da Palavra de Deus, que é Jesus, o Cristo.

Ou seja, enquanto os egípcios buscavam um recurso externo para escapar da condenação, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó exige transformação interna para que a justiça seja plena. Nesse ponto, a diferença é radical: no tribunal de Osíris, um escaravelho de pedra poderia fazer um coração se calar; já no tribunal divino da Escritura Cristã, não há artifício capaz de calar a voz do coração diante do Deus que tudo vê.

Aqui, a verdade real não é apenas um objetivo processual — como no direito humano, que tenta se aproximar dos fatos por meio de provas e garantias — mas uma

realidade espiritual inescapável. O Senhor é chamado na Bíblia de El Emet, o Deus da Verdade (Sl 31:5; Jr 10:10), e também de Juiz de toda a terra (Gn 18:25), aquele que julga com retidão e cuja justiça não pode ser corrompida.

A própria palavra hebraica usada para “verdade” — אמת (*’ēmet*) — já revela essa dimensão. Sua estrutura é significativa: א (*Álef*), a primeira letra do alfabeto hebraico, ligada a Deus e ao princípio; מ (*Mem*), a letra central, símbolo de fluxo e continuidade; e ת (*Tav*), a última letra do alfabeto hebraico, apontando para a completude. Assim, os rabinos interpretam que *emet* abrange o início, o meio e o fim, transmitindo a ideia de algo completo, abrangente e eterno. Ou seja, aquilo que é verdade, será sempre verdade, no início, no meio e no fim, caso contrário será uma falácia.

Na Bíblia hebraica, *emet* não se limita à veracidade intelectual, mas expressa também fidelidade, firmeza e confiabilidade. É por isso que Jeremias declara: *Adonai El Emet*, O Senhor é o Deus da Verdade (Jr 10:10). Ou seja, a verdade em Deus é absoluta, confiável e estável.

Isso significa que, diferentemente dos homens, que estão sujeitos a limitações epistemológicas e podem ser enganados por provas falsas, Deus atinge a verdade plena porque Ele sonda os rins e os corações (Jr 17:10; Ap 2:23). Sua justiça não depende de evidências externas, mas da revelação do íntimo do ser humano. A “verdade real” — termo que no direito indica um ideal inalcançável em sua plenitude — em Deus é concretizada, pois Ele é a própria medida da verdade e da justiça.

Baruch Hashem, Bendito seja o nome de Deus! | ברוך השם |

CONCLUSÃO

A busca pela verdade no julgamento acompanha a história humana, mas sempre encontra limites quando depende apenas do esforço humano. O Direito, ainda que fale em verdade real, reconhece que ela não pode ser alcançada a qualquer custo, pois o processo está submetido à Constituição e à vedação das provas ilícitas. O Egito antigo, por sua vez, buscava escapar da condenação através do *feitiço do coração*, tentando calar a própria consciência para tornar o coração mais leve diante da balança de Maat.

A Bíblia, porém, mostra outro caminho. Não há manipulação possível diante do

Deus da Verdade (*El Emet*), que esquadrinha os corações e traz à luz o que está oculto. Um coração pesado pela culpa não pode ser absolvido por artifício humano, mas apenas transformado pela obra de Cristo. Ele é a Rocha que remove o peso do pecado, o Cordeiro que inscreve os nomes no Livro da Vida.

Se o coração pesado é sinal de condenação, em Cristo o coração se torna leve, de pedra passa à carne, e o justo vive não porque enganou a balança, mas porque foi redimido pelo sangue do Cordeiro.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA Sagrada. ed. rev. e atual. no Brasil. [S.l.]: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

HORNUNG, Erik. *The Ancient Egyptian Books of the Afterlife*. Translated by David Lorton. Ithaca; London: Cornell University Press, 1999.

MACHADO, Vitor Gonçalves. *A superação da dicotomia “verdade formal” vs. “verdade real” no moderno direito processual*. Publica Direito. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=58a7e42277b10f61>. Acesso em: 22 set. 2025.

MASSINI, Isadora Rocha. *O mito da verdade real como legitimador da inquisitorialidade no contexto de produção de provas ilícitas*. 2020. 87 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Direito) – Faculdade Nacional de Direito, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020. Disponível em: <https://pantheon.ufrj.br/handle/11422/13920>. Acesso em: 22 set. 2025.

YOUTUBE. Estranha História. O que diz o Livro dos Mortos? (Ponto a ponto). 2025. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XXXXXXXXX>. Acesso em: 22 set. 2025.



DAY OFF

DAY OFF

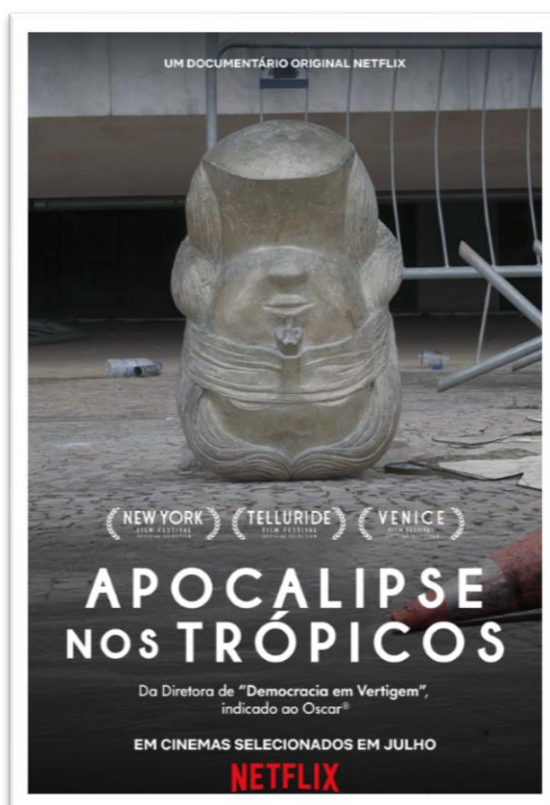
Apocalypse nos Trópicos – Filme de 2024

Documentário

Direção: Petra Costa

SINOPSE

A obra analisa o fortalecimento do cristianismo evangélico no Brasil e sua influência na extrema-direita, especialmente durante a presidência de Jair Bolsonaro, oferecendo um olhar crítico sobre fé, política e sociedade contemporânea.





VITRINE ACADÊMICA

Vitrine Acadêmica

XXVI SEMANA ACADÊMICA DE TEOLOGIA UNIFIL

(entre no site para ver quem são os palestrantes)

XXVI Semana Acadêmica de **Teologia e** VIII de **Ministério Pastoral**

| Teologia no Tráfego -
Uma Abordagem Pós-Cristo, na Web.

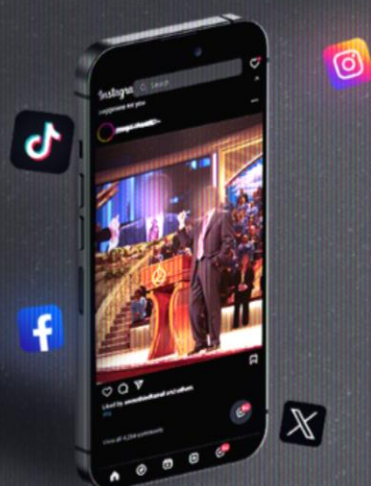
data

27, 28 e 29 de outubro de 2025

horário

19h30

Inscrições no portal de eventos:
eventos.unifil.br



 **UniFil**



INTERLOCUTORES INSTITUCIONAIS

Interlocutores Institucionais

CURSOS LIVRES

Teologia | Apologética | Escatologia
Bibliologia | História da Igreja



www.institutoteologar.com.br

 teologaroficial  teologaroficial

USE O CUPOM **UNIFIL** E GANHE UM
DESCONTO ESPECIAL

 INSTITUTO
TEOLOGAR

96

**SUPERE TODOS OS
TRAUMAS QUE
INCOMODAM
A SUA MENTE.**



Leandro Ferreira
hipnoterapeuta

 43 991913392

 LEOFARIASFERREIRA

ATOS 24:16 "E POR ISSO PROCURO
SEMPRE TER UMA CONSCIÊNCIA SEM
OFENSA, TANTO PARA COM DEUS
COMO PARA COM OS HOMENS."



VOCARE

Revista de Teologia da UniFil

ISSN 2965-5021

